

O livro " Documentos Pontifícios Sobre o Escotismo", foi editado pela Editora Vozes, em 1955. Possui o formato A5 (14 x 18 cm) como uma revista dobrada unidas por grampos metálicos. Com capa em cartolina branca e impressa em preto. Possui 59 páginas em preto e branco. Imagens cedidas por Maurício Moutinho.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

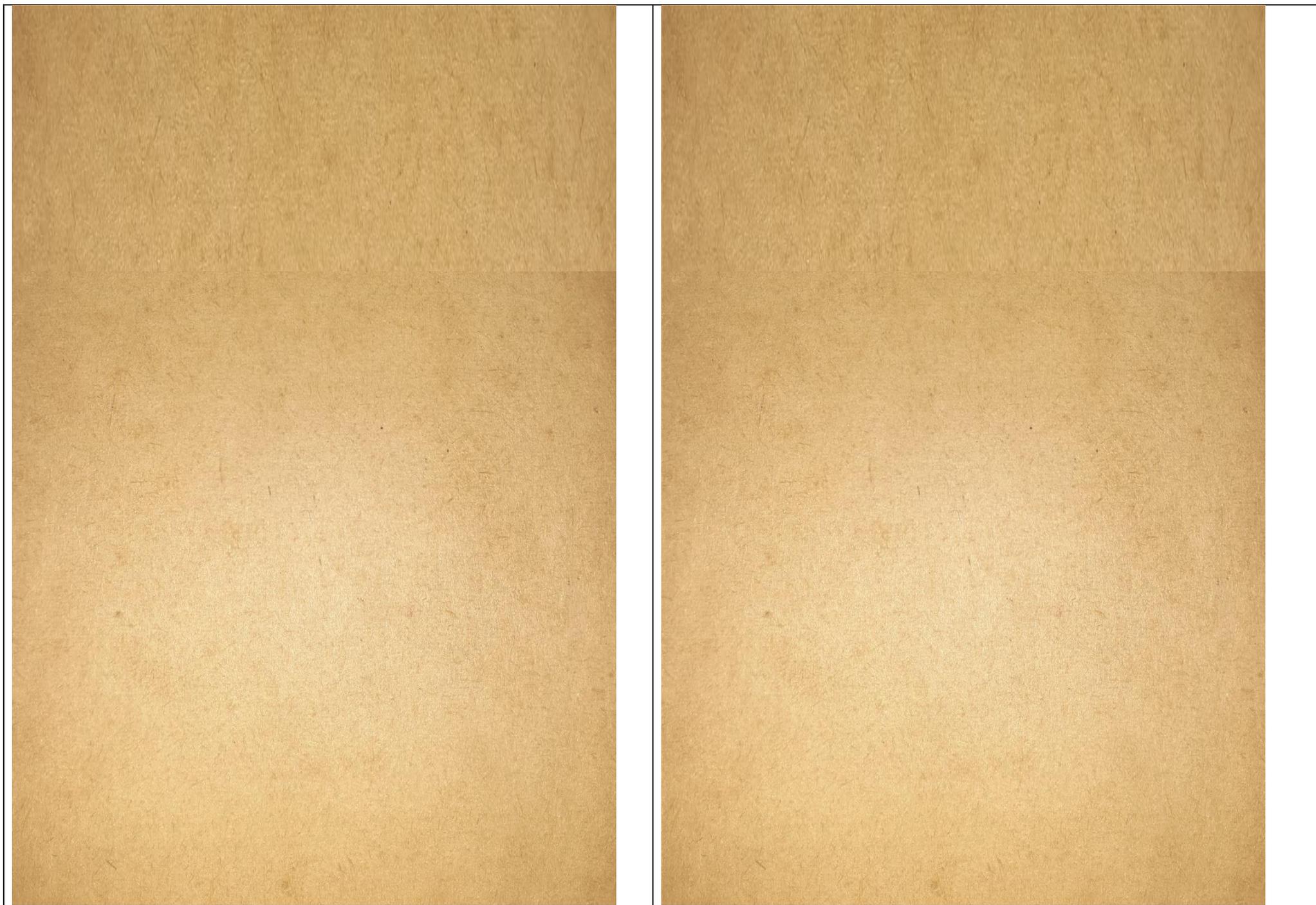
108.

BENTO XV, PIO XI, PIO XII

Sobre o Escotismo

1955

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO



*Sua Ignorância,
do curso de Baden
para Faculdade Católica
oferecido pelo professor
Aristeu Leite
9 Out. 58*

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E
REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA
CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI LAURO OSTERMANN, O. F. M.
PETRÓPOLIS, 15-1-1955.

BENTO XV

CARTA DO CARDEAL SECRETARIO DE ESTADO
PELA NOMEAÇÃO DO PRIMEIRO ASSISTENTE
ECLESIÁSTICO CENTRAL DA A. E. C. I.

Do Vaticano, 15 de Junho de 1916.

Ilmo. Sr. Conde Mário di Carpegna, Comissário Central da Associação Escoteira Católica Italiana.

Dou-me pressa em comunicar a V. S. Ilma. que o Augusto Pontífice, acolhendo a devota súplica por V. S. Ilma. apresentada ao Seu Trono, benignamente se dignou de conceder à novel Associação Escoteira Católica Italiana o alto favor de um Assistente Eclesiástico que se faça intérprete, junto à próspera instituição, do vigilante e paternal pensamento da Autoridade da Igreja, e assegure à Associação um desenvolvimento amplo e vigoroso fundado na base dos indefectíveis princípios católicos, e tendente, com aberta sinceridade, ao nobre escopo da sã formação das consciências e à completa educação da juventude.

Folga o Augusto Pontífice de que, nessa escolha, seus olhos tenham podido pousar-se tranquilamente sobre um digno eclesiástico que, enquanto goza da plena confiança da Santa Sé, granjeia outrossim, no campo juvenil, um universal tributo de estima. Trata-se do Revmo. Padre José Gianfranceschi S. J., actual, segundo a norma dos estatutos do Sodalício, Sua Santidade se compraz em confiar a delicadíssima tarefa supra-aludida, com o título de Vice-Comissário Central Eclesiástico da Associação Escoteira Católica Italiana.

Fazendo votos por que esta nova prova da be-

nevolência pontifícia seja estímulo e ao mesmo tempo garantia para que a juvenil Instituição por V. S. com tanto zelo presidida confirme luminosamente, também no campo escoteiro, a salutar influência dos divinos princípios em que se inspira, prezo-me de me reafirmar, com sentimentos de distinta estima,

de V. S. Ilma. atº crº obrº
P. Cardeal GASPARRI.

Original em italiano — La Civiltà Cattolica 1917, ano 68, vol. II, p. 512.

PIO XI

CARTA DE RESPOSTA A HOMENAGEM DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESCOTEIROS DA FRANÇA

Ao Cônego Cornette,
Assistente Geral dos Escoteiros da França,
PARIS.

Do Vaticano, 30 de Março de 1922.

Senhor Cônego:

O Santo Padre dignou-se de receber com paternal benevolência a homenagem de piedade filial que Sua Eminência o Cardeal L. Dubois depositou aos pés de Sua Santidade em nome dos membros dos Conselhos Protetor e Diretor da Federação Nacional Católica dos Escoteiros da França.

Ajudar as almas a tornar-se, sob o influxo da graça divina, almas compenetradas dos ensinamentos da fé e da doutrina católica, almas fiéis à prática constante de uma vida religiosa exemplar, almas filialmente submissas à direção dos seus pastores e do Sumo Pontífice, e ao mesmo tempo almas corajosas, generosas e cavalheirescas, este é o fim da Associação Escoteira. Verificá-lo é uma consolação muito doce para o coração do Santo Padre, porque certa-

mente a Sua paternal solicitude se estende de maneira todo particular à formação de uma juventude de escol na qual se fundam legítimas esperanças.

Dirige-lhe, por isto, Sua Santidade os seus augustos incentivos, e almeja que, sob a guia dos Bispos da França, a Associação Escoteira estenda sempre mais a sua missão fecunda, e, assim, contribua singularmente para que o seu generoso País realize no futuro, tanto quanto o realizou no passado, o nobre lema dos seus antepassados: "Gesta Dei per Francos".

Como penhor dos divinos favores, concede Sua Santidade a V. Revma., aos membros dos Conselhos Protetor e Diretor da Federação, e todos os Escoteiros Católicos da França, a bênção apostólica.

Queira aceitar, Senhor Cônego, a expressão dos meus devotados sentimentos no Senhor.

a) P. Card. GASPARRI.

Original em francês. — L'Aumônier Scout 1939, n. 96 p. 169.

DISCURSO AOS ESCOTEIROS ROMANOS NA FESTA DE SÃO JORGE

23 de Abril de 1922

Correspondendo ao que está no nosso pensamento e no desejo de todos, com grande coração abençoamos esta bela e também merecidamente ilustre representação dos Escoteiros Católicos. Sabemos que ela não passa de uma representação, e que a falange toda é muito grande. Sabemos o que os Escoteiros têm feito no interesse da vida cristã, da restauração do pensamento e do sentimento cristão em todas as manifestações da vida privada e pública. Pensamos, pois, em tudo isto e em tudo aquilo que vós, ó Escoteiros, representais na vida; e, fazendo nossos os vossos pensamentos e afetos, com grande coração vos concedemos a bênção. E concedemo-vo-la com uma palavra que possa servir-vos de lembrança e de aviso eficaz.

Sede aqueles que o vosso nome diz que sois, sede-o na vida privada, na vida de família, na vida do País. Um grande escritor das antigas eras cristãs repetia o mesmo aviso: "Christiane, esto quod dixeris!" O' Cristão, sê aquilo que o teu nome diz. Vedes, pois, que a nossa recomendação não vem só de nós, porém se liga às mais veneráveis tradições da Igreja, e, por isto, ainda mais cara e veneranda deve tornar-se para vós. Que significa Escoteiro? E' um nome de organização, e supõe alguma outra coisa que ele anuncia e precede. Escoteiro, ou explorador, quer dizer reconhecer, ir buscar uma primeira notícia do país. Não há corpo de tropas, mesmo modesto, que não tenha os seus exploradores encarregados dos primeiros reconhecimentos. Também Moisés, quando guiava o seu povo rumo à Terra Prometida, enviava na frente os Escoteiros ou exploradores para tomar informações do país.

Assim vós supondes todo um exército que vem atrás de vós. Sois os Escoteiros, os exploradores que lhe preparais o caminho, e os outros marcharão seguros sobre os vossos passos. A vossa qualidade significa que deveis ser primeiros entre os primeiros, primeiros de todos. Fala-se de corpos de assalto e de vanguardas; porém mesmo estas unidades devem ter sido precedidas pelos exploradores, porque as próprias vanguardas não saberiam por onde penetrar, se, precedendo-as, exploradores não houvessem reconhecido o país.

O vosso lugar é, pois, o primeiro entre os primeiros, e vós todos deveis estar entre os primeiros: primeiros na profissão da fé cristã, primeiros na santidade, primeiros na dignidade, primeiros na pureza, primeiros em todas as manifestações da vida cristã. E para que realmente possais mostrar sempre essa qualidade em todas as circunstâncias da vossa vida, de todo coração lançamos a bênção apostólica sobre todos vós e sobre todos aqueles que vós representais.

Original em italiano. — Lo Scout italiano, 1922, n. 9, p. 98.

DISCURSO DO SANTO PADRE (PIO XI) NA SANTA MISSA POR ELE CELEBRADA EM INTENÇÃO DE 2.000 ESCOTEIROS DE ROMA

10 de Junho de 1923

Já vos abençoamos — ó diletíssimos entre os nossos mais caros filhos em Jesus Cristo — daqui deste mesmo altar, no fim do Santo Sacrifício. Mas agora queremos de todo coração abençoar-vos de novo com aquela bênção que, com filial sentimento, viestes pedir ao Pai comum; e, antes de vos abençoar, quero dizer uma palavra e dar-vo-la como se dá uma dádiva e uma lembrança que queremos fique profundamente gravada no vosso coração e tenazmente aderente na memória de vossa alma.

Sabeis o que quer dizer ser Escoteiros Católicos. E o sabeis porque o sois, porque quisestes e quereis sê-lo. Que coisa deva ser o Escoteiro Católico, isto continuamente vos é dito. Diz-vo-lo o vosso lema, diz-vo-lo a vossa bela e honrada bandeira. Escoteiros Católicos, isto é, exploradores que tragam, neste serviço da exploração, neste escotismo, os característicos, os belos e sublimes característicos da profissão e da vida católica. Destarte, daquilo que pode ser um exercício puramente material, e, na melhor das hipóteses, puramente humano, vós fazeis um exercício de vida cristã; de uma coisa tão bela, mas que diria respeito só à terra, fazeis uma coisa que diz respeito ao céu.

Sede, pois, Escoteiros católicos. Mas não é somente isto o que queremos dizer. Queremos acrescentar ainda, e esta é a lembrança: sede católicos escoteiros. Isto é, trazei na profissão e na vida católica os característicos do vosso lema. O vosso ânimo juvenil, o vosso coração de filhos já entendeu — absolutamente não duvidamos — o que o coração e o pensamento do Pai querem significar.

Se alguma coisa entendemos desse vosso escotismo, que também foi um pouco o nosso, dois são

os característicos do bom e bravo escoteiro, e nele se reúnem todos os outros que também se poderiam longamente enumerar: a prudência e a coragem.

A prudência industriosa, vigilante, hábil, indagadora, investigadora, observadora. A coragem, isto é, a disposição de ânimo que nada teme a Deus e o mal. Deus é aquilo que pode ofender a Deus e o juntamente ofuscar a beleza e a dignidade do homem. Pois bem, a prudência e a coragem, estas duas qualidades deveis trazê-las na vida e na profissão católica, e sereis católicos escoteiros depois de serdes escoteiros católicos.

Como católico prudente entendemos não aquele que ostenta a sua profissão de católico como se fosse o rótulo de uma Firma, como se fosse uma vaidade. A profissão de catolicismo não é nem uma Firma nem uma vaidade, mas é coisa santa e solidíssima, tão santa e sólida quanto deve ser uma coisa que se aproxima de Deus. Mas como católico prudente entendemos aquele que não anda a dizer a todo momento e sem razão a sua profissão, mas que, quando a ocasião é propícia, quando o cumprimento do dever o impõe, quando a edificação do próximo o exige, então ele sabe ser tudo o que é, sabe professar tudo o que professa, sem temor algum, sem nenhuma vileza de subentendidos.

E, depois, há outra prudência que vos recomendamos justamente como a vida da vossa própria vida. Além da prudência da fé há a prudência da vida, aquela prudência que Jesus Cristo indicava e recomendava com uma só palavra: Vigiai, palavra que é justamente a palavra dos escoteiros, dos exploradores.

Nós somos todos, verdadeiramente, como uns exploradores que viajam em país inimigo, no meio de ciladas, de perigos, de focaias de toda sorte, armadas pelo demônio, pelo mundo, pela nossa própria natureza miserável e falível.

Vigiai, e mormente e particularmente por serdes exploradores. Frequentes vezes os exploradores são abandonados a si mesmos, e é uma prova de con-

fiança, um exercício de confiança, que lhes é confiado. Por isto, vigiai. As vossas forças poderiam ser sobrepujadas pelas vossas fraquezas. O mundo e o demônio vos armam ciladas. Este último serve-se de duas armas, de dois grandes e tenebrosos aliados: os maus exemplos e as más leituras. Os exemplos arrastam, quem lê se alimenta, é o próprio espírito que come e que bebe, e, por pouco intoxicado que esteja o alimento, ele ficará envenenado nas profundezas mais secretas e delicadas da sua alma.

Vigiai, e, tal como dessas armas do demônio, mantende-vos igualmente em guarda contra a vaidade do mundo. O mundo é vão, e o espírito divino chamou-lhe uma fascinação. Mas, no entanto, ele consegue intimidar e impor esse pesado vínculo do respeito humano, essa preocupação do que todos dizem e do que todos fazem. E' tão banal o que todos dizem e fazem! Como se aquilo que todos fazem pudesse mudar a realidade das coisas. Mas, sem embargo, é preciso vigiar, para que a sugestão e o respeito humano do comum proceder das multidões, como também as sugestões interiores do mal no segredo da consciência, não possam — como dizia um grande escritor italiano à sua própria filha no dia da sua primeira comunhão — ser mais fortes do que vós. Vigiai, pois, para não cairdes em tentação.

E, juntamente com a prudência, tende a coragem. Coragem porque Deus está convosco e vós estais com Deus. Vós vos guiais segundo a luz que desce do alto, a luz imortal da fé; estais com a Igreja, estais com o Vigário de Jesus Cristo, estais com o próprio Jesus Cristo. Coragem! com estas vizinhanças, com estas amizades, nada deveis temer. A pureza e a dignidade da vossa vida serão protegidas pela dignidade da vossa profissão cristã, e sereis sem mancha e sem medo, sem nenhuma vileza e sem nenhuma impureza.

Proteja-vos Deus, e proteja-vos sua caríssima Mãe Maria, de quem quereis ser sempre filhos eleitos; protejam-vos os vossos anjos de guarda, esses anjos cus-

tórdios cuja devoção sempre recomendamos aos escoteiros. O escoteiro vê-se frequentemente abandonado às suas únicas forças, aos seus únicos meios, não esquecido então de que tem um guia celeste, de que o Anjo de Deus vela sobre ele. Tal pensamento dar-lhe-á a coragem e a confiança de um auxílio preciosíssimo. Diz São Bernardo: Em todo ângulo, lembra-te do Anjo. Lembra-te da criatura eleita que te guarda e que vela sobre ti, e nada haja, no teu coração, no teu pensamento, no teu sentimento e na tua inteligência, que não seja digno de estar sob o olhar do Anjo de Deus. São estas, ó nossos filhos, as palavras e as lembranças que queríamos confiar às vossas almas neste momento tão caro e tão solene na sua simplicidade e finalidade.

E agora desça a nossa bênção sobre vós e sobre todos os vossos companheiros de toda a Itália, que aqui quereis representar, e que Nós quereríamos abranger todos na nossa bênção, tal como a vós todos abrangemos num olhar paterno. E desça ainda a nossa bênção sobre todos quantos se ocupam de vós e vos guiam com a sua assistência e com o seu exemplo. Desça antes de tudo sobre o vosso Assistente Eclesiástico Geral, que a vós dedica tão grande parte das suas energias, enquanto é exemplo dessa não só possibilidade, mas facilidade de harmonia, com a qual a fé e a ciência se ligam em união tão bela e tão fecunda de frutos preciosos. Desça a nossa bênção sobre vós e sobre todas as vossas famílias, sobre os vossos estudos, sobre os vossos pensamentos, sobre as vossas ocupações, sobre as vossas aspirações, as quais, estando vós no limiar da vida, compreendem e abrangem a vossa vida toda. Desça sobre vós esta bênção e acompanhe-vos em todos os dias, em todos os passos da vossa vida.

Original em italiano. — Lo Scout italiano, 1923, n. 12, p. 130.

DISCURSO AOS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DA ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS CATÓLICOS ITALIANOS.

15 de Janeiro de 1925

Com prazer vos revemos, e vos abençoamos e saudamos, a vós e às numerosas falanges que representais. Sabemos que sois um número imponente, e já o número, conquanto nem sempre tenha muita importância, é contudo o primeiro elemento da força.

Mas exprimimo-vos a nossa complacência conhecendo, por experiência bastante ampla, que não representais uma quantidade, senão uma qualidade.

Sois muito bons e bravos.

De bom grado concedemos a bênção a vós e àqueles que cada um de vós representa, encarregando o vosso Assistente Eclesiástico, Padre Gianfranceschi, de transmiti-la às regiões que aqui não estejam representadas.

Folgamos, pois, de ter mais uma ocasião para vos assegurar, e para que disso assegureis os vossos companheiros ou alunos, que o Santo Padre ama, abençoa a vossa Associação, e dela espera muito bem não só para os jovens, como para a sociedade civil e para a Igreja.

Bem sabemos que, se tendes um grande cuidado pelo vosso desenvolvimento e pela vossa saúde física, o fazeis com o intento nobre e santo de dar à alma um instrumento fácil, e sabemos que quereis sobretudo prover os corpos de almas cada vez mais cônscias da sua responsabilidade e da sua soberania, o que, pelo que tenho visto mesmo fora da Itália, é um dos intuitos da obra escotista como formativa.

Sabemos que inspirais este método no senso cristão católico, despertando sempre mais entre os jovens o sentimento do dever catolicamente concebido, a coragem do dever, a habilidade do dever, a abnegação do dever, isto é, ensinais a cumpri-lo mesmo quando custe alguma coisa, quando ele seja difícil e reclame algum esforço.

Sabendo e conhecendo estas coisas, mais cordial e paternal é a nossa bênção.

E, se a concedemos a todos vós, certamente ela se endereça também ao vosso Chefe Escoteiro, que, qual a cabeça no corpo humano, é parte principal da vossa Associação.

Ele goza de toda a nossa confiança, que é a vossa, e é a nossa justamente por ser a vossa. Desça, pois, esta bênção sobre a Associação, sobre o seu Chefe, sobre vós, e sobre todos os Escoteiros.

Original em italiano. — Lo Scout italiano, 1925, n. 1, p. 2.

DISCURSO A PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ESCOTEIRA NO ANO SANTO.

6 de Setembro de 1925

Diletíssimos filhos,

Este Ano Santo já nos proporcionou, nos oito meses até agora decorridos, consolações grandes; grandes para o coração que as verifica, grandes e esplêndidas para os olhos que as contemplavam. Outras ainda dessas consolações (e delas somos devedores à infinita misericórdia de Deus e à piedade dos nossos bons filhos) nos aguardam. Mas é certo que esta que vós proporcionais ao coração e aos olhos do Pai comum, com o espetáculo da vossa piedade filial, figura certamente entre as mais belas e gratas, e, sob certos pontos de vista, não facilmente superável, e certamente até agora nunca superada.

Vemos diante de nós enfileirados ao alcance dos olhos, ao alcance do coração, tantos filhos nossos vindos de tantas partes, não só da Itália, como também de tantos outros países, e não somente dos mais próximos. Destarte, também vós, diletíssimos filhos, e de maneira toda vossa, particularmente filial também para o lugar que ocupais na universal família católica, fazeis-nos sentir toda a doçura desse pa-

ternidade universal que do coração de Deus sentimos descer ao nosso coração desde o dia em que, por secreto desígnio da Providência Divina, fomos chamados à altura deste ministério apostólico.

A unidade e a universalidade desta família, a catholicidade da Igreja, torna-se, com a vossa presença, visível e tangível. Fazeis-no-la ver e sentir de modo todo novo, mesmo por essa particular palpitação de uma piedade filial juvenil e muitíssimas vezes pueril, que trazeis aonde quer que vos apresenteis. Porque não sois somente filhos que tivestes de empregar energia, disciplina, resistência, trabalho, quiçá penas e sacrifícios, para virdes achar-vos aqui com vosso Pai. Profundamente nos comprazemos com isto, porque a vossa presença se torna, assim, uma generosa profissão de fé, de apego e de devoção ao Vigário de Cristo; de fé, de apego, de devoção à antiga Santa Madre Igreja Romana.

Mas na vossa família espiritual sois os juveníssimos, as esperanças generosas, florentes, vigorosas, da geração futura, as esperanças da religião e da Igreja, como da família e da Pátria. O nosso regozijo, o nosso consolo em vos ver, aumenta sempre mais, à medida que o nosso pensamento se amplia. As crianças, nós todos sabemos que carícias, antes diríamos que finezas mais de mãe do que de pai, reservava o terno coração de Jesus. Mas, quando Ele se encontrava com jovens como vós, com a primeira flor da juventude no rosto, com o vigor da vida que se expande inteira, então o Seu coração se comovia.

Entre os Apóstolos, João, o mais moço, é o predileto. Para com ele o mestre divino não tem segredos, e a ele é concedido aquilo que a outros nunca o foi: repousar a cabeça no peito do Redentor. Quando Jesus se encontra com um jovem de belas esperanças, de boas e santas inspirações, o Evangelho diz uma palavra magnífica: "Viu-o e amou-o"; envolveu-o num olhar de amor do seu coração divino.

Quando Ele se encontra com uma dessas juventudes despedaçadas pela morte, vence-o uma parti-

cular compaixão, também pelas lágrimas da mãe, e Ele opera um dos milagres mais belos, que o Evangelho se compraz em narrar e descrever com acentos verdadeiramente divinos. E, quando Ele o traz da morte à vida para o restituir a sua mãe, chama-o pelo nome da sua idade, pelo nome que também a vós convém, ó caros filhos: "Adolescens, tibi dico, surget!".

De filhos adolescentes temos aqui uma amostra, uma multidão, uma multidão tão bela e tão forte! E isso não é tudo, porque vós não sois somente jovens católicos, porém jovens católicos escoteiros. Escoteiros católicos não quer dizer pouco para quem considere bem e saiba apreciar o conteúdo destas palavras.

Escoteiros: nem toda juventude basta para ser tais. E, por mais numerosas que sejam as energias juvenis (e aqui é mesmo o caso de dizer que a aritmética vira poesia), todavia nem todos os jovens são jovens escoteiros. Muitos há que professam hábitos mais cômodos, mais tranquilos, menos pesados. Para um Escoteiro mister se faz uma constante disposição para a força e para a coragem, para a calma e para a reflexão. E, para um escoteiro católico, mister se faz também um profundo sentimento de Deus, da sua divina lei, da sua divina presença que harmoniza as maravilhas da natureza, e indica o ponto delicado delas, o seu segredo, o seu ensinamento mais precioso.

Dissemos força e coragem, e basta ver-vos para nos persuadirmos de que não vos falta nem uma coisa nem outra. Bem sabemos que é isso o que mais necessário se afigura à vossa profissão de escoteiros. Porém a força e a coragem não podem bastar ao Escoteiro Católico. Na missa que esta manhã celebramos e que vós também, pode-se dizer, com a assistência das vossas preces, celebrastes conosco, há um trecho da Epístola do Apóstolo aos Gálatas, o qual deveríeis reler frequentemente. Nessa Epístola o Apóstolo diz que não basta a natureza, mas

é preciso o espírito. Não basta a coragem, não bastam as forças materiais. Onde só a matéria domina, diz o Apóstolo que aí só pode haver violência, intemperança, impudícia. Ao contrário, onde o espírito predomina e governa, aí estão todas as doçuras da caridade, todas as graças da pureza. Estas palavras parecem escritas para vós, porque nelas vós buscais a beleza e a glória da vossa vida. Força e coragem são a glória da vossa vida. Força e coragem não somente para explorar os caminhos da terra e achar as árduas sendas, porém ainda mais para educar a vontade, para manter a carne nas direções do espírito, nos caminhos do dever, mesmo quando o dever seja difícil e, ou por circunstâncias adversas ou por dificuldades intrínsecas, imponha sacrifícios. O escoteiro católico forte e corajoso sabe que caminho deve tomar, sabe qual é a senda traçada pelo dever.

Calma e reflexão. A vossa profissão não é a procura de fátuas aventuras, porém a exercitação do espírito nas dificuldades mais árduas. É sempre útil alentear o espírito nesta luta. A vida tem grande necessidade de energias espirituais para se fazer o bem, para se achar o remédio para o mal. A calma e a reflexão são, por isto, dotes preciosos que põem o homem no seu lugar, no lugar que a ordem de Deus lhe designou entre as magnificências da criação. É preciso saber remontar a Deus, ó diletos filhos, e não é concebível um escoteiro católico sem este pensamento que o ilumine e o acompanhe. Verdadeiramente é este um pensamento que deveria acompanhar qualquer homem e guiá-lo pela trilha que de Deus vem e a Deus conduz. Mas um escoteiro católico, que sabe que acima deste mundo visível há outro mundo invisível, no qual o que se vê é mero e pálido reflexo de uma beleza superior, não pode achar difícil remontar a Deus, trazer em toda parte esse grande pensamento que ilumina a vida toda de uma luz maravilhosa. Destarte o sentimento da natureza produz bem outra profundeza, bem outra sublimidade. Toda a natureza se anima de uma dupla vida, fala

uma dupla linguagem. E' como uma atmosfera divina que tudo envolve, que tudo sublima, tudo penetra, que a todas as criaturas, desde as mais pequenas até às mais excelsas, dá uma voz e um ofício, a voz e o ofício que elas devem ter no pensamento de Deus Criador.

Importa ler o Evangelho da Santa Missa de hoje (ela estava decididamente preparada para a vossa convenção, caríssimos jovens), e aprender da palavra divinamente profunda e pitoresca do próprio Criador como se pode e se deve entender e sentir a linguagem da natureza mesmo nessas pequenas criaturas que são as aves do ar e os lírios do campo (Mt 6, 24-33).

Temos visto, na nossa experiência pessoal, alguns que, pela presença física, pareciam atletas, mas que não tinham correspondente formação de espírito; vimo-los, em face de dificuldades, mesmo não excessivas, abater-se e perder ânimo, vimo-los ficar insensíveis aos mais belos espetáculos da natureza. Ao contrário, vimos naturezas simples, ingênuos filhos da montanha, porém homens de fé que se lembravam bem do seu catecismo, vimo-los, ante espetáculos sublimes como a última liquefação das neves, quando, pela temperança da atmosfera e pela temperança dos ventos portadores de auras vivificantes, tudo assume um reflexo novo, um novo esplendor, uma verdadeira magnificência, vimo-los derramar lágrimas dos olhos, e cair de joelhos e bendizer a Deus. Vimo-los e rezamos com eles, adorando juntos a mão do Onipotente.

Caros escoteiros católicos, queremos que sigais sempre fielmente essas magníficas idéias de fé santa, cristã, católica que viestes retemperar aqui em Roma, e que agora demonstrais de modo tão eloquente. Viestes a Roma procurar (e isto corresponde à vossa qualidade de Escoteiros ou exploradores) esses tesouros espirituais que Nós abrimos ao mundo todo neste Santo Jubileu. Viestes procurá-los aqui no coração da antiga Mãe Romana. Viestes visitar as Santas Basílicas romanas, despertando em todos a admiração

pelo vosso comportamento piedoso, edificante. Viestes tomar um esplêndido lugar nesse universal espetáculo de fé, de piedade, de religião, de devoção, de oração com que o Ano Santo dia a dia alegra a nossa Roma, sempre mais e melhor. Depois de trazerdes o vosso contributo a esta magnífica emulação, quistes praticar este ato filial de piedade trazendo ao Pai comum a participação da vossa íntima e puríssima alegria espiritual, viestes, como filhos afeiçoadíssimos, pedir-lhe a bênção.

Diletos filhos, sabe o Senhor quanto vos somos grato por este ato de piedade filial, e não duvidamos de que vós, que viestes a Roma em tão alegres e sadias condições, voltareis para vossas casas levando deste solo sagrado todas as melhores riquezas espirituais. Aqui vós mesmos vos unistes, numa santa união de almas, com vossos irmãos do mundo inteiro; aqui vistes viva e operante a tradição apostólica; aqui vistes os esplendores da santidade ainda flamejantes de tantas glorificações de bem-aventurados que Deus nos concedeu de proclamar entre os Seus santos; aqui vistes o claro testemunho da universalidade da Igreja de Jesus Cristo; aqui achastes a Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica.

Visitastes as santas Basílicas, que se erguem nos triunfos do sol romano. Mas essas basílicas surgem de um solo regado pelo sangue dos Mártires. Por debaixo dessas Basílicas serpeiam as catacumbas com o mistério das suas trevas, tão cheias de esplendor e de luz, da qual verdadeiramente se diria que irradiam os fulgores que chamam a Roma tantas almas neste Ano magnífico. Por isso, quando deste sagrado solo voltardes para vossas casas, com profunda persuasão e com propósito sempre mais firme repetireis a santa palavra do Símbolo: Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Sede, pois, mil e mil vezes benditos vós que aqui viestes como tantos irmãos vossos têm vindo desde a Terra do Fogo, do Cabo da Boa Esperança, da Islândia, da Austrália e de qualquer outra parte mais

remota. Que não quereíamos fazer por vós? Mas uma pequena lembrança queremos dar-vos. E entregamo-la nas mãos do Assistente Eclesiástico Geral dos Escoteiros Católicos da Itália, tão benemérito destes, materialmente impossível como é por-mo-la Nós mesmo, como aliás quiséramos fazer, nas mãos de cada um de vós. E' uma pequena medalha que já demos a quantos vieram, peregrinando, a esta Cidade eterna, e que agora, em breve tempo, se acha por isso difundida até nos confins da terra. Seja-vos essa medalha lembrança não só do Santo Jubileu, não só desta dulcíssima hora, mas sobretudo dos fortes e santos propósitos que nestes dias haveis amadurecido, e estímulo para os pordes em prática cada vez mais fielmente, cada vez mais generosamente.

E agora desça a bênção de Deus sobre vós todos e sobre cada um de vós, sobre quantos de vós se ocupam em reconduzir-vos e guiar-vos pelas vias do bem, desça sobre tudo aquilo que trazeis no remissente afeto do coração, sobre vossos parentes; sobre vossas famílias, sobre vossos pais de quem sois amor e esperança, sobre vossos irmão menores, sobre as crianças, sobre os velhos, sobre os enfermos, sobre os doentes de vossas casas que talvez olhem com inveja para a vossa ousada energia juvenil. E a vós, finalmente, um voto que se reporta à glória do primeiro Escoteiro que o primeiro de todos os livros do mundo recorde. Caleb tinha oitenta e cinco anos quando Moisés ordenava a ele e a Josué explorarem a terra prometida que estava para além dos confins do deserto. Nessa avançada idade, Caleb lembrava a Josué outra exploração por eles realizada uns quarenta e cinco anos antes, e dizia estar pronto a fazê-la com a mesma energia de então.

O nosso voto é tal para cada um de vós. E tão alto e pleno será o vigor, a força, a prestância na mais avançada idade, quanto mais fielmente vos ativerdes ao vosso programa, aos vossos deveres de jovens escoteiros católicos, quanto mais fielmente collocardes sempre o espírito sobre a matéria e a ma-

téria sob o espírito, quanto mais collocardes o pensamento de Deus e os ensinamentos da fé acima de todos os outros pensamentos e de todos os outros ensinamentos.

E, com a nossa bênção, acompanhe-vos a bênção de Deus com todas as riquezas inestimáveis dos seus tesouros.

Original em italiano. — Lo Scout italiano, 1925, n. único do Ano Santo.

CARTA AUTÓGRAFA AO CARDEAL SECRETARIO DE ESTADO, SOBRE A LIMITAÇÃO DO ESCOTISMO NA ITALIA.

24 de Janeiro de 1927

A supressão do Escotismo católico na Itália foi um dos episódios da luta entre o fascismo e a Igreja, para a formação da juventude. Em 1926 a criação da Obra Nacional Balilla inaugurou a era das dificuldades. Para salvar tudo o que podia ser salvo, o Sumo Pontífice aceitou a contragosto a dissolução dos Grupos de Escoteiros nas comunas de menos de 20.000 habitantes. Este foi o ensejo de uma carta escrita ao Cardeal Gasparri a 24 de Janeiro de 1927, a qual demonstra a paternal solicitude de Pio XI pelos Escoteiros.

Emo. Senhor Cardeal.

Temos sob os olhos, e atentamente lemos e meditamos, o texto da lei de 3 de Abril de 1926, nº 2247, sobre a instituição da Obra Nacional Balilla destinada à assistência e à educação física e moral da juventude; o texto do Régio Decreto-Lei de 9 de Janeiro de 1927, nº 5, sobre "Modificações à lei predita" (Diário Oficial do Reino da Itália, parte primeira, ano 68, número 7, pp. 86-88); o texto do Régio Decreto de 9 de Janeiro de 1927, nº 6, sobre a "Aprovação dos regulamentos administrativo e técnico-disciplinar para a execução da lei de 3 de Abril de 1926, nº 2247, sobre a Obra Nacional Balilla" (Diário Oficial etc., nº 8, pp. 104-118).

Não se achando à nossa disposição outro texto oficial ou mesmo sequer autorizado, aos supraditos devemos necessariamente limitar as considerações e declarações que o grave assunto de Nós exige. E, antes de tudo, que, ao redigir e promulgar as ordenações compreendidas nos textos aludidos, a intenção tenha sido de não lesar as divinas prerrogativas da Santa Igreja e os direitos espirituais de um povo católico como o italiano, Nós (urge-Nos declará-lo) tanto de bom grado admitimos como altamente apreciamos. Mas logo devemos dizer que o intento não foi obtido, e que os próprios textos, tais como estão, infelizmente justificam as preocupações e os temores que exprimíamos já na última Alocução Consistorial, de 20 de Dezembro p. passado. Logo queremos também acrescentar que, isto dizendo, absolutamente não pretendemos criar dificuldades ao governo do País, ou enfraquecer-lhe o prestígio e a força, mas pretendemos antes de tudo salvar as nossas gravíssimas responsabilidades perante Deus e os homens, e cremos também, se formos bem compreendido e secundado, cooperar para a vantagem comum de todos.

Dissemos "salvar as Nossas responsabilidades", por ser evidente que o Nosso silêncio poderia facilmente dar a entender que não sem concurso e cooperação Nossa se haja chegado a ordenações legislativas em que é prevista e pré-estabelecida (Lei de 3 de Abril de 1926, art. 5; Regul. Técnico-disciplinar, cap. VIII, art. 36, 40) uma orgânica assistência religiosa, pelo ministério de sacerdotes próprios, rematando num superior (Inspetor) central; assistência e superiorato que, transcendendo os limites das simples dioceses, não podem ter a necessária autorização e o legítimo mandato senão desta Santa Sé Apostólica.

Ora, trata-se de ordenações legislativas em que se prescreve (Regul. Técn. discipl., cap. VI, art. 31) o ensino de uma doutrina que temos motivos para rezear fundada ou culminando numa concepção do Estado que, por dever da vigilância Apostólica, já em duas alocuções Consistoriais (14 de Dez. de 1925

e 20 de Dez. de 1926) tivemos de apontar como não conforme à concepção católica; trata-se daquelas próprias ordenações que, de uma parte, parecem estender prescrições e proibições a todas as obras de educação mesmo moral e espiritual, campo este que entra, se algum outro entra, nos divinos mandatos da Igreja Católica (L. 3, de Abr. 1926, art. 8; R.D.L. de 9 de Jan. de 1927, art. 2); de outra parte, graças à sua incerta designação, a muitos não parecem elas excluir toda dúvida e preocupação sobre o tratamento reservado às próprias organizações de Ação Católica (R.D.L. de 9 de Jan. de 1927, art. 2), e depois ferem em cheio a dos Jovens Escoteiros Católicos Italianos, sujeitando a dissolução mais de metade dos seus mais de mil grupos (cit. R.D.L., art. 3), não permitindo aos outros grupos manter-se se não adotarem uma nova sigla e, como esta, conforme é inevitável, uma nova denominação e personalidade jurídica (ibid., art. 4). Sobejamente claro e evidente se torna que não podíamos permitir que os Católicos em geral, porém especialmente os católicos da Itália, e mais especialmente os nossos caros e prediletos jovens, e nomeadamente os Jovens Escoteiros Católicos Italianos, tivessem sequer uma simples aparência de razão ou um pretexto qualquer para nos crerem, ou mesmo somente pensar-nos, corresponsáveis por tais ordenações; e, por isto, justamente consideramos e consideramos um preciso dever do múnus Apostólico a Nós divinamente confiado o sairmos do silêncio e expressamente declinarmos tal corresponsabilidade.

E, para, na medida do possível, atendermos a este receio dos Jovens Escoteiros Católicos Italianos, primeiramente volvemos a Nossa atenção para os grupos sujeitos a dissolução (e são os dos lugares de menos de 20.000 habitantes), e consideramos que também eles, os nossos caros jovens, como já o fazia o santo Rei David (2 Reis 24, 14), dizem ao Senhor: "Se devemos morrer, seja pela vossa mão, ó Senhor, antes que pela mão dos homens"; e que, assim como,

obedecendo à voz do Vigário de Cristo que abençoava, eles se reuniam, assim também, obedecendo à mesma voz e com a mesma bênção, preferiam dissolver-se; e dissolvidos os declaramos desde a data da presente carta. O bom Deus sabe e vê quanta dor custa ao Nosso coração paterno uma tal disposição, mesmo pensando só na dor e nos sacrifícios que o conformar-se com ela não pode deixar de custar ao coração de tantos filhos caros e prediletos. Mas sabemos que podemos contar (e é-Nos isto indizível conforto nesta hora de dor) com a generosidade e fidelidade deles; como também sabemos que podemos contar com a caridade e com o zelo dos seus bispos, dos seus párocos e dos seus assistentes eclesiásticos, aos quais "in visceribus Christi" os recomendamos, para que, nas formas que a caridade e o zelo não deixarão de sugerir, continuem e intensifiquem juntos a eles os desvelos que já semearam e já fizeram amadurecer nas suas fileiras tão grande messe de virtudes quer civis quer religiosas, capazes de chamar sobre eles, em abundância verdadeiramente admirável, as graças privilegiadas das mais altas e generosas vocações. Afigura-se-nos supérfluo acrescentar palavras, para que todo homem sensato e de coração veja e sinta quão injusta e indigna coisa seria atribuir a medida por nós adotada diante de Deus a uma inspiração, mesmo mínima e remotíssima, de animosidade ou de, como se queira dizer, represália preventiva. Pelo contrário, cremos poupar a outros a ingrata função de dissolver ou de fazer dissolver tantos grupos de bons e pacíficos Jovens Escoteiros, nos quais tantas pequenas e boas populações se compraziam como num particular e caro ornamento.

Quanto aos grupos de Jovens Escoteiros Católicos Italianos que a nova lei não sujeita a dissolução, chegamos à deliberação de lhes deixar toda liberdade de se valerem da lei, para tal fim declarando-os, como desde já os declaramos, plenamente autônomos e, queremos dizer, livres de todo cuidado e vínculo de

solidariedade coletiva e, por assim dizer, oficial, com as restantes organizações de Ação Católica; livres também, entende-se, de continuarem a chamar-se "Sploratori" Católicos (como preferimos e sempre havemos preferido a "Scouts", mesmo por amor da língua materna), confiantes e seguros de que sempre, antes cada vez mais, eles farão honra a essa gloriosa e santa denominação de católicos, traduzindo na prática de toda a sua vida privada e pública essa mais completa e mais profunda cultura e formação religiosa que sempre foi o seu principal empenho, e, com profunda complacência o dizemos, o seu mérito e honra.

Uma tal deliberação, e tal como a havemos precisado, parece-Nos conveniente e de dever, porque, de uma parte, não podemos recusar a tantos Escoteiros Católicos (e como inscritos o seu número é muito maior) o bem e a honra de continuarem a ser e dizer-se tais, e, de outra parte, a Ação Católica, em si e em todas as suas organizações, deve e quer manter-se fora e acima de qualquer partido político: ora, a Obra Nacional Balilla, conquanto declarada nacional, está indubitavelmente na órbita de um partido político, como transparece de todo o seu regulamento e, mais evidentemente, de alguns artigos deste (Reg. téc. disc., cap. VI, art. 31 e ss.).

Desde o princípio aludimos a uma "incerta designação" de onde nascem em muitos dúvidas e preocupações acerca das próprias organizações de Ação Católica; queríamos aludir ao último inciso do artigo segundo do R.D.L. de 9 de Jan. de 1927, onde se diz que as precedentes disposições não dizem respeito "às organizações e obras com finalidades prevalentemente religiosas". Folgamos de poder dizer, para tranquilidade de muitos, que, por sinais e indícios não duvidosos, parece certo que, entre essas organizações e obras, as de Ação Católica estão justamente compreendidas. Com isto ninguém pode ficar tão consolado quanto Nós, porque justamente as finalidades religiosas sempre as pensamos e quisemos

não só como prevalentes, mas como essenciais à Ação Católica, tanto que já na primeira Encíclica "Ubi arcano" a definimos como a cooperação do laicato no apostolado hierárquico, e declaramos dever ela ser considerada pelos sagrados Pastores como uma necessária dependência do seu ministério, e pelos fiéis, como um dever da vida cristã.

Resta-Nos, Senhor Cardeal, confiar-lhe as Nossas paternais preocupações sobre o ponto que de todos é certamente o mais importante, o ponto da assistência religiosa e do ensino religioso a tantos jovens a Nós tão caros, os quais a lei chama a fazer parte da Obra Nacional Balilla. Se, pelas mesmas razões (no fundo) históricas que já apontávamos ao lhe escrevermos no dia 18 de Fevereiro de 1926, toda esta matéria tão importante e delicada não pôde ser tratada pelos modos e com as formas que a sua própria natureza exigia, não pode isto nem deve ser motivo suficiente para privar tantos jovens de um elemento educativo de todos o mais precioso e essencial.

Meditando e procurando diante de Deus uma providência conveniente e oportuna, pareceu-Nos que bastaria uma indicação exegética do Regulamento (l. c.), para encaminhar os dirigentes da Obra Nacional Balilla aos respectivos Bispos: estes, pelo maior conhecimento que têm dos seus sacerdotes, saberão indicar os mais aptos para o caso, e poderão mais de perto e mais eficazmente vigiar-lhes e dirigir-lhes a Obra; e, além disto, nenhum cânone sagrado impede que, para o fim em causa, eles deleguem a sua jurisdição sobre os mesmos Sacerdotes ao Prelado Castrense, obtendo-se assim também essa unidade e centralidade de inspeção e direção cuja utilidade e oportunidade não seremos nós quem ponha em dúvida; nem tão pouco queremos excluir que, mudadas as circunstâncias, o tempo, a experiência, a boa vontade venham a tornar possíveis providências ainda melhores.

A santidade do Ministério Apostólico a Nós divina-

mente confiado devíamos o exprimir com toda sinceridade e franqueza todo o Nosso pensamento, enquanto de toda parte se olha para Nós e a Nós se recorre. Nunca como nestes últimos tempos (mesmo para aquilo que infelizmente sucede em outros países distantes e próximos) temos rezado tanto e tanto feito rezar para termos graças e luzes de Deus. Nutrimos confiança de bem acertar pensando que V. Eminência, com todos os que depois de V. Eminência Nos lerem, é da nossa mesma opinião; isto é, que bem dificilmente, nas Nossas atuais condições e no ponto em que as coisas estão, mais ou melhor poderia ser por nós excogitado e proposto.

E, com esta confiança, de todo coração abençoamos V. Eminência.

Original em italiano. — Acta Apostolicae Sedis, a. 19, vol. 19 p. 41.

CARTA DO CARDEAL SECRETARIO DE ESTADO AO COMISSARIADO CENTRAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS CATÓLICOS ITALIANOS SOBRE A SUPRESSÃO DO ESCOTISMO NA ITALIA.

6 de Maio de 1928

A attude conciliatória do Sumo Pontífice não pôde, infelizmente, impedir a dissolução completa dos escoteiros católicos por decreto ministerial de 9 de Abril de 1928. A 6 de Maio o Cardeal Gasparri escreveu ao Comissário Central da Associação dos Escoteiros Católicos Italianos uma carta que era um novo testemunho da confiança que o Santo Padre depositava no Escotismo:

Vivamente grato às expressões de plena e ilimitada obediência e devoção contidas na mensagem que esse honrado Comissariado Central há pouco Lhe apresentou, no triste momento em que os Escoteiros Católicos depõem os seus lábaros e as suas divisas, deume o Santo Padre o grato encargo de exprimir a cada um dos seus componentes o Seu paternal comprazimento por haverem eles sempre dirigido os jovens a si confiados por meio de uma educação forte

e são, tão alheia a toda inspiração ou atitude de violência quanto mais requintadamente cristã e religiosa; bastariam a prová-lo as muitas vocações eclesíásticas que se desenvolveram no seio da Associação nos breves anos da sua vida.

O trabalho desses anos, inspirado em tão férvido amor à juventude, e ao mesmo tempo dirigido à maior glória do Senhor, certamente não foi perdido, porque os Escoteiros católicos, formados na prática múltipla do bem, especialmente no exercício da caridade para com o próximo, mesmo mediante o sacrifício pessoal, e na franca manifestação de uma vida intimamente religiosa, mesmo no futuro, certamente conservarão impressos indelévelmente no seu coração esses nobres sentimentos. Antes, Sua Santidade está certo de que norma constante da sua vida de verdadeiros filhos da Igreja e de ótimos cidadãos serão as virtudes características em que os Jovens Escoteiros foram educados: isto é, o espírito de lealdade indiscutível que atraiu para eles tanta confiança e simpatia, o equilíbrio do corpo e do espírito que os mantém sempre prontos a combater vitoriosamente o mal, e, de modo especial, a pureza, simbolizada no lírio, que eles sempre procuraram guardar zelosamente no santuário do seu coração e que, com o auxílio de Deus, prometeram conservar ilibado, mantendo-se puros de pensamento, palavras e obras.

A Bênção Apostólica que o Santo Padre envia aos dirigentes e aos membros da Associação há pouco dissolvida, seja conforto para o sacrifício que todos tiveram de fazer ao deixarem um sodalício do qual tanto bem se obteve no passado, e cujos ótimos frutos se colherão ainda no futuro, se todos se mantiverem fiéis aos mesmos princípios cristãos em que foram formados.

Ao comunicar-lhes quanto precede, confirmo-me, com sentimentos de distinta consideração,

dedic.mo PEDRO CARDEAL GASPARRI.

Original em italiano. — La Civiltà Cattolica, 1928, a. 79, vol. II, p. 47.

AUDIÊNCIA CONCEDIDA PELO SANTO PADRE
PIO XI A LORD ROBERT BADEN POWELL.

3 de Março de 1933

Grande acontecimento para o nosso Movimento Escoteiro foi quando, a 2 de Março, minha mulher, como "Grã-chefe" Mundial, e eu, fomos apresentados a Sua Santidade o Papa por Mr. J. Kirkpatrick, Encarregado de Negócios da Inglaterra junto ao Vaticano.

Após os primeiros cumprimentos, apresentei a Sua Santidade os nossos agradecimentos pela bênção que concedera ao Movimento Escoteiro depois da peregrinação feita por 10.000 escoteiros a Roma havia quatro anos.

Sua Santidade lembrou-se disso, e ainda recordou como um dos rapazes morrera acidentalmente naquela ocasião.

Dissemos-lhe que as "Guides" (Escoteiras)* estavam cogitando de uma peregrinação semelhante para este ano, em comemoração ao Ano Santo, e ele expressou sua satisfação por isso.

Disse eu a Sua Santidade que, no Acampamento Mundial Quadrienal, cerca de 20.000 Escoteiros de 43 nações se reuniriam este ano na Hungria, e que, tanto na Hungria como na Polónia e na Áustria, os Escoteiros e "Guides" (Escoteiras) eram numerosíssimos, e todos católicos.

O número dos Escoteiros e "guides" (escoteiras), os quais têm aumentado e se acham lançados pelo mundo todo, treinados nesses ideais, excede provavelmente de 10 milhões.

Sua Santidade perguntou quantos escoteiros havia agora na Inglaterra e no mundo, quantas "guides" (escoteiras), e também até que idade os escoteiros continuavam a servir. Perguntou se minha mulher e eu pessoalmente éramos os guias atuais do Movimento.

*) N. do T. Aqui no Brasil, as nossas Bandeirantes, termo regional.

Entre muitas outras coisas, perguntou como iam os escoteiros progredindo em Portugal. Desejava também informar-se sobre a nossa revista internacional "Jamboree", até onde circulava, e em que linguas.

Em conjunto, Sua Santidade mostrou-se inteiramente ao corrente de ambos os Movimentos, e neles interessado.

Entre outras coisas, expliquei-lhe não serem os Escoteiros, como os Balilla, treinados para fins militares, mas visarem à amizade internacional, à paz; e que, sem consideração com as diferenças de observâncias religiosas, nós, no Movimento Escoteiro e Guidista, nos esforçávamos por agir de conformidade com a Enciclica de Sua Santidade que exortava "todos os homens de boa vontade e que crêem em Deus a unir-se para resistir às forças de desagregação tão perigosas nestes tempos".

Em algumas partes do mundo, este aspecto do escotismo não fora, até então, inteiramente compreendido pelos católicos. Esperávamos, pois, pudesse Sua Santidade achar meios de nomear uma pessoa de sua confiança para ser o nosso conselheiro eventual, ou então exprimir a sua própria opinião como favorável ao Movimento.

Sua Santidade respondeu que os Núncios e os Delegados Apostólicos eram os seus representantes locais, e estavam mais enfiados nas condições locais dos diferentes países. Essas eram as pessoas naturais e no caso de aconselhar. Em países onde eles não existissem, havia os bispos, igualmente no caso de fazê-lo.

Lembrei-lhe que nem todos eles compreendiam até que ponto o Movimento Escoteiro e Guidista tinha a sua inteira aprovação, donde desejáramos se dignasse de declarar não ver objeção a esse Movimento.

Disse Sua Santidade que aprovava inteiramente o Movimento; que considerava o Escotismo e o Guidismo "uma obra magnífica", e olhava o Movimento, no seu alheamento das diferenças de classe, de credo e de raça, como "uma grande família que realiza o

ideal da unidade". E, despedindo-se, desejou-nos bom êxito.

Fiquei particularmente sensibilizado quando, ao se retirar, após essa maravilhosa entrevista, o Santo Padre segurou a minha mão e apertou-a, dando assim prova de real simpatia pessoal pela nossa obra.

Sinto-me, pois, confiante de que a sua expressa aprovação do Movimento Escoteiro e Guidista recomendará este às autoridades da Igreja Católica Romana em todas as partes do mundo, e de que os nossos "chefes" católicos que em alguns centros se sentiram receosos de associar-se às secções não católicas sentirão agora que, cooperando com elas, de fato estão pondo em prática a supracitada diretriz de Sua Santidade, estão se unindo "para resistir às forças de desagregação tão perigosas nestes tempos".

Original em inglês — Jamboree, Jornal Escoteiro Mundial, n. 51, Julho de 1933, p. 290.

DISCURSO AOS ESCOTEIROS E "GUIDES" DA FRANÇA POR OCASIAO DA SUA PEREGRINAÇÃO DO ANO SANTO.

5 de Abril de 1934

Escoteiros, Exploradores da França, "Guides" da França, sede bem-vindos à Casa do Pai Comum de vossas almas, particularmente bem-vindos vós que vindes sob a insígnia da vossa boa, bela, forte, cavalleiresca juventude, vós que vindes a Nós com toda essa riqueza de bandeiras que vos dizem, e dizem também a Nós, das belas coisas, dos magníficos sentimentos que vos animam a todos e a todas, a cada um e a cada uma de vós. Felicitamo-vos pela escolha que fizestes para virdes a Nós. Viestes enterrar conosco este magnífico Ano Santo da Redenção, para participardes conosco de todos esses esplendores de santidade, da glorificação desse S. João Bosco de quem bem se pode dizer que foi um ver-

dadeiro explorador de todas as trilhas em todos os caminhos do bem, e um explorador tão corajoso, tão superior a todas as provas, a todas as fadigas! Vistes a Nós, caros filhos e caras filhas, a fim de contribuirdes para toda essa bela e santa e magnífica coisa; vistes trazer a contribuição não somente da vossa presença, mas também, e ainda mais, da vossa fé, da vossa oração, da vossa presença tão edificante, e tão edificante justamente naquilo que é realmente toda a profundidade da vossa vida, todo o programa da vossa magnífica formação, da vida cristã vivida como merece ser vivida, não somente com integridade, mas com ufania, vivida com esse espírito de apostolado, sobretudo de apostolado do exemplo, que sem palavra, sem nada estadear e sem nada ocultar, diz a todos tudo o que é preciso fazer, como se deve fazê-lo, como se deve viver a vida cristã.

Primeiramente, caros filhos e filhas, felicitamo-vos por quererdes militar, como o fazeis, e militar tão bem, sob essas bandeiras, com esses programas, com esses sentimentos, com essas idéias na inteligência, com esses sentimentos no coração e na vontade. Que poderíamos acrescentar ao que vós Nos dizeis? ao que vos dizeis a vós mesmos nas vossas reuniões, tão belas, tão numerosas, tão magníficas, magníficas como atitude, tal como testemunha a vossa piedosa e quase sensível expectativa da palavra paterna. Vós que vindes dizer-nos coisas tão belas e tão consoladoras para o nosso coração paterno, vós vos dizeis a vós mesmos as coisas mais belas, essas coisas que viveis, que não somente sentis, mas que viveis.

Bem quiséramos, caros filhos e filhas, que a recompensa desta vossa tão piedosa e tão filial peregrinação, feita em circunstâncias tão solenes, tão magníficas, espiritualmente magníficas, quiséramos que essa recompensa seja a mais larga e a mais preciosa. Pois bem! Parece-Nos que é o próprio Redentor quem vo-la apresenta verdadeiramente como uma recompensa desse belo gesto que acabais de

praticar vindo encerrar conosco este ano que acabamos de celebrar em sua honra, em lembrança da sua obra dezenove vezes centenária, da sua obra de Redentor. E Ele vos apresenta, assim parece, alguma coisa tão correspondente ao que vós sois, ao que sois antes de tudo, àquilo que todo explorador, todo escoteiro, todo "guide" deve ser: almas cristãs na plena posse da sua fé, fortes da sua fé, corajosas na profissão da sua fé, generosas na prática e na aplicação da sua fé, em todas as situações da vida, em todos os deveres da vida, mas prontos e prontas, tantas vezes o temos visto, prontos e prontas a dar a vida, a morrer se preciso, pela sua fé. Pois bem! caros filhos e filhas, não vos auguramos, não vos desejamos a coroa do martírio, mas de todo coração desejamos que continueis a fazer o que vós fazeis, a viver para a vossa fé como viveis. E' esse o testemunho, é isso o que já há de mais essencial no próprio martírio. O termo martírio não diz antes de tudo a morte, diz antes de tudo o testemunho, o testemunho prestado à fé.

Pois bem! é esse magnífico testemunho que vós prestais à fé, pela vossa vida como a viveis. O próprio Redentor, como acabamos de dizer, faz-nos uma indicação preciosa, e precisamente nessas diretrizes que serão as vossas diretrizes como escoteiros, como "guides". Diz-vos o Redentor, a propósito da vida cristã, da vida cristã vivida, diz-vos que é esse precisamente o escopo, todo o escopo, toda a finalidade, toda a razão de ser da sua obra de Redentor e de Redenção trazida ao mundo inteiro, às almas, a cada uma das almas; trazer a vida cristã, mas com o desejo, com a vontade bem claramente expressa de que essa vida seja vivida com abundância. E' tão bela essa abundância de vida, e não somente abundância, porém uma maior abundância.

Consoante a palavra que Ele disse: "Ut Vitam habeant e abundantius habeant", que as almas tenham a vida, a vida abundante como vós a viveis, em toda a significação do termo, vós que tanto vos compra-

zeis em viver essa vida de respiração poderosa, mesmo fisicamente falando, porém ainda mais moralmente, espiritualmente falando. Eis-vos deveras, pelo vosso programa de escoteiro, de "guide", eis-vos deveras na trilha, na grande trilha do Redentor. Ele quer, Ele deseja que a vida cristã seja vivida precisamente como vós quereis vivê-la, como vos preparais para vivê-la, com abundância, com a maior abundância, de nunca dizer basta, porém sempre mais, porém sempre melhor.

Eis outra recompensa, eis essa grande figura, como acabamos de dizer, o explorador de todas as trilhas do bem, de todas as trilhas mais difíceis da benevolência, da caridade, o exemplo de S. João Bosco, que vem dizer-nos como devemos entender essa abundância de vida. E o que S. João Bosco vos diz é o que vos dizem todos os Santos, toda essa santidade que se tem alinhado no caminho dezenove vezes secular do Redentor, através deste Ano Santo.

Magnífico cortejo, como certamente notastes, de santos, de santas, de santidade oculta, santidade feita de modéstia e de humildade, santidade sobre a base e o fundamento da modéstia e da humildade, mas feita de grande atividade, de grandes ações, de grandes empreendimentos. Todas essas santidades que é que vos dizem? Dizem-vos uma coisa só, dizem-vos a vida cristã abundantemente vivida.

Eis aí a abundância como a concebe o Redentor, o Autor de toda santidade. E' a santidade nos seus diferentes graus, nas suas diferentes formas, nas suas diferentes variedades, mas santidade sempre. E' importante constatá-lo, considerar toda a santidade que enche tão grandemente a história da Igreja, história que faz a glória do cristianismo inteiro. *Todas essas santidades não são senão vida cristã vivida com abundância.* E' por isso que todos aqueles que são chamados a essa fé, a essa vida (é o Apóstolo quem no-lo diz) são chamados à santidade, nos diferentes graus, segundo as diferentes possibilidades que dependem das diferentes medidas de graça que a Di-

vina Bondade dispensou a cada uma das almas; que dependem das diferentes vocações, das diferentes situações sociais, das diferentes condições individuais, diferenças e variedades sem número, mas que se resumem sempre na vida cristã, na vida cristã vivida com perfeição.

Eis aí, caros filhos e caras filhas, eis aí *uma fórmula, uma nova fórmula, mas bem conveniente ao vosso programa de escoteiros, de "guides"*. Eis aí o que deve ser a vossa vida cristã vivida cavalheirescamente, vivida com ufania, vivida com coragem, com toda a generosidade, sempre prontos e prontas à suprema provação. *Eis aí o que deve ser, na sua essência, essa vida cristã vivida com perfeição.* E' este, caros filhos e filhas, o voto que fazemos de todo nosso coração paterno: que seja este o fruto precioso que leveis da vossa curta temporada romana, que leveis desta celebração, deste encerramento que acabais de celebrar conosco, do Ano Santo da Redenção, do XIX Centenário da chegada à terra dessa vida cristã, dessa vida que é a vossa vida, e à qual tão generosamente quereis consagrar-vos. Desejamos, caros filhos e caras filhas, que essa vida seja em cada um de vós a mais abundante, a mais perseverante, a mais completa, e é com este desejo que vos abençoamos, a todos e a todas, a cada um e a cada uma de vós, e, convosco, todos aqueles que representais, porquanto, por maior que seja o vosso número, sabemos que sois meros representantes, sabemos que o número já tão belo, tão consolador que nos apresentais quer dizer um número ainda maior, bem maior em toda a França, e ainda maior se pensarmos que em cada país bem se pode dizer que há bons escoteiros, boas "guides" católicas. E' com grande afeto no coração que vos abençoamos.

Mas, com a grande família dos escoteiros, com a grande família das "guides", queremos também abençoar, mais particularmente, as vossas famílias, do vosso próprio nome, e nessas famílias tudo o que tendes de mais precioso, os petizes que já vos seguem com

seus olhares admirativos para vos imitarem um dia, aqueles cuja honra e glória vós fazeis, todos aqueles que pelos seus sofrimentos têm uma necessidade maior, e por isto mesmo um maior direito, ao conforto da Nossa bênção paterna. E vós, caros filhos e caras filhas, levareis todas estas bênçãos a todas as direções em que vo-lo pedem o vosso pensamento e os sentimentos do vosso coração.

Queremos abençoar também, de maneira todo particular, e certo de interpretar a vossa gratidão, todos esses ministros do Bom Deus, verdadeiros ministros da Redenção, esses padres que vos consagram uma parte tão preciosa da sua atividade, para não dizer toda a sua melhor atividade, para vos organizarem sempre melhor, para vos conduzirem sempre mais avante, sempre a mais alto nessa bela tripla. Queremos abençoá-los de modo particular, e, com eles, todos aqueles que, na direção, na organização e na administração, trabalham de maneira mais importante para o maior bem, para a manutenção sempre maior e mais benéfica da vossa magnífica organização.

E depois, caros filhos e caras filhas, bem certo estamos de interpretar o vosso pensamento enviando uma ainda maior bênção aos vossos Bispos, nossos irmãos no ministério apostólico. Por todos aqueles que no-lo escrevem nos seus relatórios, sabemos ainda o quanto eles vos amam, caros filhos e caras filhas, o quanto se interessam pela prosperidade, pelo crescimento sempre maior da vossa organização. Abençoamo-los, pois, mui particularmente, ao mesmo tempo para lhes dizer toda a Nossa gratidão pelo bem que vos fazem, pela direção paternal que vos trazem, abençoamo-los por pensarmos que abençoar os Pais é abençoar a família toda.

Que estas bênçãos, caros filhos e filhas, vos acompanhem, não somente no que vos resta desta temporada romana, para que ela vos seja a todos e a todas, a cada um e a cada uma de vós, a mais agradável e a mais proveitosa para vossas almas!

Acompanhem-vos não somente no feliz regresso às vossas casas, à vossa e nossa cara França, mas que todas estas bênçãos fiquem sempre convosco, para toda esta vida que ainda está, caros filhos e filhas, quase toda diante de vós.

Folgamos de poder dar-vos alguma coisa como lembrança sensível, uma medalha de S. João Bosco. E' da Nossa mão que vo-la oferecemos, e esperamos que cada um de vós a considerará como a havendo recebido da própria mão do Pai comum de vossas almas. Original em francês. — L'Aumônier Scout, 1939, n. 96, p. 178.

AOS ESCOTEIROS CATÓLICOS HOLANDESES 1936

“...Eis qualquer coisa de sublime, de glorioso, que consola e que encoraja. Vivendo e agindo sob as insígnias da Ação Católica, notadamente na sua qualidade de Escoteiros, estes caros jovens não fazem senão concorrer, desde esta idade da sua vida, para difundir, e para fazer ouvir na sociedade em que vivem, a voz benfazeja dos doze primeiros apóstolos, voz que o Senhor fez propagar-se pelo mundo todo: *“in fines orbis terrae verba eorum”*.”

Original em francês. — L'Aumônier Scout, 1939, n. 95, p. 188.

PIO XII

CARTA DE APROVAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE “GUIDES”.

Do Vaticano, 8 de Dezembro de 1944.

Secretaria de Estado de Sua Santidade
Reverendíssimo Padre.

Tenho a satisfação de lhe comunicar que o Santo Padre se dignou de aprovar a constituição da Associação das “Guides” Italianas, conforme o pedido e o

Estatuto que, há algum tempo, em nome de um expresso Comité de Senhoras e Senhorinhas romanas, V. Revma. Lhe fez chegar.

Assim, é introduzido também na Itália um movimento feminino que já deu bons frutos pedagógico-morais em outras nações, e que, se sãbiamente guiado, parece particularmente apto a formar no nosso tempo, com critérios tão novos e modernos como fiéis à melhor tradição educativa cristã, jovens mulheres de caráter franco e leal, de ânimo bom e sereno, de costumes simples e puros, de sentimentos nobres e gentis, de operosidade útil e viva, e sobretudo de espírito sinceramente religioso, capaz de haurir, na maravilhosa fonte da natureza, e não menos na insubstituível fonte da Revelação e da Graça, fecundíssimas riquezas de sabedoria e de vida.

Portanto, na confiante expectativa de que a presente situação permita quanto antes mais amplas consultas com o fim de fixar os caracteres definitivos da nova organização, e consinta, outrossim, uma escolha de dirigentes em mais vasto ambiente, para este ano Sua Santidade há por bem designar a Princesa Dona Maria Massimo Lancellotti, De Merode de nascimento, para Presidenta do Comissariado Central, enquanto se reserva para mais oportuno momento a escolha da Escoteira-Chefe, como também a do Assistente Eclesiástico Central, enquanto confia o encargo de funcionar como Assistente Eclesiástico do Comissariado Regional ao Revmo. P. Agostinho Ruggi d'Aragona O. P.

Não pareça supérfluo, dada a delicadeza e a importância do novo movimento, recomendar que a Associação, na mais sincera e pronta obediência à Autoridade Eclesiástica, queira manter harmonia de propósitos e de obras com as outras instituições de formação católica, e especialmente com as Associações da Juventude Feminina de Ação Católica, para trabalhar com mútuo respeito das formas e competências próprias a cada grupo, e com generoso propósito de caridoso auxílio e de mútua edificação.

Estatuto que, há algum tempo, em nome de um expresso Comité de Senhoras e Senhorinhas romanas, V. Revma. Lhe fez chegar.

Assim, é introduzido também na Itália um movimento feminino que já deu bons frutos pedagógico-morais em outras nações, e que, se sãbiamente guiado, parece particularmente apto a formar no nosso tempo, com critérios tão novos e modernos como fiéis à melhor tradição educativa cristã, jovens mulheres de caráter franco e leal, de ânimo bom e sereno, de costumes simples e puros, de sentimentos nobres e gentis, de operosidade útil e viva, e sobretudo de espírito sinceramente religioso, capaz de haurir, na maravilhosa fonte da natureza, e não menos na insubstituível fonte da Revelação e da Graça, fecundíssimas riquezas de sabedoria e de vida.

Portanto, na confiante expectativa de que a presente situação permita quanto antes mais amplas consultas com o fim de fixar os caracteres definitivos da nova organização, e consinta, outrossim, uma escolha de dirigentes em mais vasto ambiente, para este ano Sua Santidade há por bem designar a Princesa Dona Maria Massimo Lancellotti, De Merode de nascimento, para Presidenta do Comissariado Central, enquanto se reserva para mais oportuno momento a escolha da Escoteira-Chefe, como também a do Assistente Eclesiástico Central, enquanto confia o encargo de funcionar como Assistente Eclesiástico do Comissariado Regional ao Revmo. P. Agostinho Ruggi d'Aragona O. P.

Não pareça supérfluo, dada a delicadeza e a importância do novo movimento, recomendar que a Associação, na mais sincera e pronta obediência à Autoridade Eclesiástica, queira manter harmonia de propósitos e de obras com as outras instituições de formação católica, e especialmente com as Associações da Juventude Feminina de Ação Católica, para trabalhar com mútuo respeito das formas e competências próprias a cada grupo, e com generoso propósito de caridoso auxílio e de mútua edificação.

coteira Italiana, a qual, desde sua fundação, em 1916, tantos frutos produzira no campo educativo, e que teve de ser dissolvida em 1928 com vivo pesar da suprema Autoridade Eclesiástica e de todos os católicos da Itália.

Retoma vida, dessarte, um movimento educativo rico de esperanças neste nosso tempo tão necessitado de reconstrução moral e espiritual. O Santo Padre nutre confiança de que o escotismo, que tem por intuito formar caracteres fortes e cristãos à imitação dos cavaleiros da Idade Média, educará falanges de rapazes e de moços na fidelidade para com Deus, ao contacto com a natureza, onde se manifestam o poder e a bondade do Criador (cf. Rom 1, 19-21), na lealdade e na pureza, na simplicidade dos costumes, habituando o jovem à direta responsabilidade de suas ações. O Escotismo apresenta-se como um método particularmente apto a formar genuínas consciências cristãs, o que o faz distinguir da mediocridade tão difundida no nosso tempo; e, chamando, com a boa ação quotidiana, a atenção do jovem para o ideal de servir ao próximo, ele cura um dos males graves da nossa época, que é o egoísmo; aproxima deles as classes mais diversas, e, pela sua própria organização internacional, embora não esquecendo o justo amor da Pátria, promove em todos os povos o mútuo respeito e o recíproco senso de fraternidade que o rapaz sente já vivo por natureza, e que o cristianismo eleva a virtude sobrenatural.

Muito satisfeito ficará, pois, Sua Santidade se o Estatuto da Associação Escoteira Católica Italiana contribuir para atingir escopos tão elevados, e, para tal fim, designou como Assistente Eclesiástico Central o Revmo. Mons. Sérgio Pignedoli, para este período; enquanto não for possível convocar o primeiro Conselho Geral da Associação. Sua Santidade dignou-se também de dar a Sua aprovação a um Comissariado Central composto de doze membros, o qual já funciona regularmente.

A Associação Escoteira Católica Italiana, embora

sendo uma obra educativa com fisionomia própria e com organização completa de per si, também harmonia de intentos e de obras com outras instituições educativas católicas. De modo especial tem ela relações estreitas e fraternais com a Juventude masculina de Ação Católica (pela qual, como já em 1916, ela torna a ser promovida). Para tornar de prática eficaz tais relações em vista do bem comum, as duas Associações fixaram alguns "pontos de acordo e de colaboração"; só poderão eles ser modificados mediante entendimento entre as duas Associações, e sempre com prévio consentimento de Secretaria de Estado de Sua Santidade. Aproveito, prazeiroso, a circunstância para beijar-lhe a sagrada púrpura e professar-me com sentimentos de profunda veneração

de V. Eminência Reverendíssima
humílimo, dev.mo e obr.mo servidor

a) G. B. MONTINI,
Substituto.

Original em italiano. — L'Esploratore, 1945, n. 6, p. 2.

CARTA POR OCASIAO DA 1ª REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO ESCOTEIRA CATÓLICA ITALIANA.

Secretaria de Estado de Sua Santidade.

Do Vaticano, 4 de Setembro de 1946.

Com paternal satisfação soube o Santo Padre que os Dirigentes da Associação Escoteira Católica Italiana se preparam para levar a efeito pròximamente o seu XII Conselho Geral, seguido de uma convenção nacional de Assistentes e Dirigentes, e de um acampamento de que participarão Escoteiros Católicos de todas as regiões da Itália.

O Augusto Pontífice, que de todo coração acolheu o desejo, expresso pelos participantes dessas jorna-

das, de subirem à sua residência de Castel Gandolfo para lhe apresentarem a sua homenagem filial, quer, todavia, que não falte uma bênção Sua desde o início dos trabalhos.

A amorosa atenção de Sua Santidade, que vivamente se interessa pela educação cristã da juventude, não escapa a importância desta dupla convenção. De fato, com o Conselho Geral trata-se de rever e pôr em dia aquelas Normas Diretivas da Associação que, se já comprovadas pela feliz experiência do passado, todavia podem admitir melhoramentos em alguns pontos particulares.

Depois a Convenção dos Dirigentes, e, ao lado dela, o Acampamento dos Escoteiros, querem, com a fraternal cordialidade e a sóbria emulação que caracterizam tais encontros, reforçar aquele espírito de família cristã que torna tão cara a todos a Associação Escoteira.

Alegra-se, portanto, o Santo Padre com essa áurea afluência de jovens a Roma, a qual porá em luz as generosas correspondências com que é acolhida e seguida esta Associação.

Para o fim, pois, de serem dignos de uma expectativa tão autorizada, não deixarão os Dirigentes da A.E.C.I. de envidar todos os esforços para que a sua Associação, nesta sua restauração, haja de florescer do melhor modo.

Seja o precípua cuidado deles trabalhar em profundidade, formando caracteres seguros e fortes, de jovens capazes de resistir aos frívolos atrativos do mundo, e prontos a mostrar em qualquer circunstância a posse de si mesmos.

Ensinem (e seja essa uma lição eficaz de bem, inclusive para tanta juventude que vive afastada de Jesus Cristo), antes de tudo com o exemplo, e depois com os meios de que dispõe o seu método educativo retamente interpretado em sentido católico, ensinem que a alegria verdadeira da vida não é a que resulta das satisfações vãs ou más, porém aquela que nasce de servir a Deus nas coisas simples e boas, nos diver-

timentos inocentes e úteis, no amor às belezas da criação, no viril esforço diário para manter e aumentar em si a graça do Senhor, mesmo quando isso custe fadigas e renúncias.

Sem nos cansarmos chamamos, pois, os jovens ao ideal nobilíssimo de servir ao próximo.

O Santo Padre tem sobretudo a peito (Ele que com viva dor olha para os egoísmos e para os ódios da guerra) que retorne a paz na caridade, e que finalmente os homens se reconheçam por irmãos.

Seja, pois, ambicionado empenho da A.E.C.I., desde os Dirigentes até os mais pequenos, trazer de novo o amor entre os homens, dando exemplo de generoso desinteresse, de colaboração larga e fraterna com todas as Associações Juvenis Católicas, de iniciativas prontas e frescas para socorrer aqueles que têm necessidade.

Depois, como os escoteiros se põem facilmente em contacto com os pertencentes às associações escoteiras de outros países, e, às vezes, de outras crenças, tenham o cuidado de pôr nessa fraternidade de encontros toda a força de um ânimo católico que vê nos homens a imagem divina de Cristo, e que para Cristo quereria conquistar todos.

Programa imenso este ora exposto, e que exige energias as mais ricas. Certamente, ninguém pode pretender que isso seja realizado em poucos meses. É obra de anos, e requer a positiva e inteligente colaboração de todos os educadores.

Mister se faz, além disso, justamente por essa sua complexa riqueza, que tal programa seja pelos dirigentes levado à vida prática não por acaso e com iniciativas ocasionais, porém mediante programas elaborados com seriedade científica, e mediante um trabalho constante e metódico, que se proponha conquistas sempre mais amplas e nunca apressadas.

Espontâneo torna-se ainda salientar que os resultados de tal trabalho, sobretudo numa Associação escoteira, só serão fecundos se se tiverem Dirigentes técnica e espiritualmente bem preparados. Hoje em

dia, mais do que nunca, seria perigoso que os dirigentes de uma obra tão útil à Sociedade e à Igreja tivessem uma vida cristã fraca e sem energia interior. São necessárias pessoas de costumes austeros e de piedade segura, que conheçam sempre melhor a verdade pela meditação, que vivam intensamente a graça de Deus pela frequência dos Sacramentos, que dêem exemplo franco de lealdade pela obediência fiel à Igreja e pela corajosa profissão da sua fé.

Sòmente nestas condições os rapazes e os jovens (os quais às vezes melhor do que os adultos sabem descobrir os sinais inconfundíveis do bem) terão confiança nos seus Dirigentes, e seguirão as pegadas por eles designadas.

Finalmente, sobre estes seus devotos filhos, Assistentes, Dirigentes e Escoteiros, que tantas vezes e com tanto e tão louvável impulso hão desejado estar perto dele e colocar-se entre os mais fiéis servidores da Igreja, invoca o Santo Padre uma larga bênção celeste, que ele quer seja também estendida a todos os Escoteiros da Itália e do mundo.

a) G. B. MONTINI,
Substituto.

Revmo. Mons. SÉRGIO PIGNEDOLI,
Assistente Central A.E.C.I.

Original em italiano. — Estote Parati, Rivista per i Capi dal A.S.C.I., 1946, n. 5, p. 4.

DISCURSO DO SANTO PADRE AOS ESCOTEIROS CATÓLICOS ITALIANOS EM CASTELGANDOLFO.

10 de Setembro de 1946

De grande coração vos damos as nossas boas-vindas, diletos filhos, alegre de vos vermos em tão grande número reunidos à volta de nós. Vindes de perto e de longe, de todas as classes e de todas as regiões da Itália, estreitamente unidos no mesmo pen-

samento e nas mesmas aspirações. Por isto podemos saudar-vos como portadores de paz, que quereis aplanar o caminho à recíproca confiança, à aproximação e à concórdia das almas.

Quais foram as razões que conduziram à sua rápida difusão o movimento "escoteiro" através do mundo? Três considerações parece-nos podermos principalmente apontar:

O Escotismo desperta no jovem e põe em ação tudo o que é naturalmente nobre, bom, sadio: simplicidade de vida, amor da natureza e da Pátria, sentimento da honra, autodisciplina, obediência, dedicação ao serviço dos outros, em espírito de fraternidade e de cavalaria.

O Escotismo quer levar ordem e reta medida à vida humana. Amor da natureza, sim, mas isento de fantasmagorias e de sentimentalismos malsãos. Também o divertimento, a excursão, os jogos impõem aos Escoteiros de per si particulares deveres e responsabilidades, e devem ser apenas o complemento de uma forte e voluntariosa atividade na escola, na oficina, na profissão. As próprias férias são o mero prêmio de um ano de sério e regular trabalho.

O Escotismo dá ao culto e ao serviço de Deus o lugar sobreeminente que lhe é devido na vida do homem, e, com isto mesmo, dispõe o jovem a dividir em cada objeto, em cada ordem, em cada virtude, em cada beleza criada, o seu verdadeiro valor, o seu verdadeiro esplendor à luz do sol divino.

Procurar, achar, apreciar, magnificar a Deus nas suas obras, ver toda a criação na luz que a ilumina, eis o que deve constituir o fundo da vossa vida de Escoteiros. A vossa Associação quer homens unidos a Deus, homens em quem o sentimento religioso enforme todos os atos da vida individual e social. Mesmo o espírito mais nobre e mais elevado entre vós nem sempre poderia ser verídico e leal, nem sempre justo e bom para com os outros, nem sempre honesto e puro, sem o auxílio da graça divina. Sobre tudo, pois, sem este auxílio não vos seria dado man-

ter-vos constantemente francos e imunes dos frutos de vergonhosa sedução, que — dói-Nos amargamente revelá-lo — se hão amargamente derramado por todas as formas, abertas e clandestinas, também sobre o bom e sadio povo italiano e sobre a sua ousada e franca juventude, para envenenar e corromper as fontes mais profundas do seu vigor, o casamento e a família cristã, e para lhe roubar a bênção de Deus, da qual no presente, mais do que nunca, tem ele necessidade. Mas o auxílio de tal graça é concedido a quem humildemente eleva as mãos e o coração ao Senhor, a quem reza e haure das fontes sobrenaturais a força de pensar e agir sempre santamente.

A vossa Associação tem por lema "Estote Parati"; vale dizer que deveis estar sempre prontos a cumprir o vosso "Dever". Quiséramos dar a essas palavras um significado ainda mais amplo e profundo: estais prontos sobretudo para o momento, só de Deus conhecido, em que o Senhor vos chamar a prestar contas dos talentos a vós confiados, quer dizer assim das graças e dos dons sobrenaturais como dos dotes naturais de alma e de corpo, de que Ele vos cumulou para que os usásseis para a sua glória e para bem vosso e dos vossos semelhantes.

Mas, para isto conseguirdes, para serdes sempre verdadeiramente fiéis ao vosso ideal de "Escoteiros católicos", no meio de tantos erros que nos nossos dias obscurecem e transviam as mentes e os corações, convém que mantenhais sempre vivos a chama da vossa fé e o fogo do vosso amor. A chama da vossa fé! Ela é a lâmpada que ao mesmo tempo arde e brilha: "lucerna ardens et lucens" (Jo 5, 35). Luz, igualmente, de lâmpada que brilhe como quando nas vossas marchas e acampamentos vos achais, em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela da manhã (cf. 2 Ped 1, 10). Ela ilumina quem a traz e o caminho que ele percorre, semelhante aos astros que de noite iluminam a senda do Escoteiro nas mais árduas ascensões alpinas. Também brilha, mas sem se manifestar na visão, o Sol da salvação de nossas al-

mas, Jesus Cristo, a quem amamos sem o ter visto, em quem ainda agora, com absoluta certeza, firmemente cremos mesmo sem o ver (cf. I Ped 1, 8). Nisto está a prova da nossa fé, argumento das coisas que não aparecem visivelmente aos nossos olhos intelectuais (cf. Heb 11, 1); nisto está o fogo e o ardor da nossa caridade, em abraçarmos a Deus com a palpitação da fé, em o amarmos e em nos unirmos a Ele. E' o píncaro sublime atingido.

Este, diletos filhos, é o princípio e o fim, o segredo de toda vida verdadeira. Se vos formardes neste espírito, vireis a ser homens sobre os quais a Igreja e a Pátria poderão seguramente edificar.

Com tal augúrio, a vós aqui presentes, a todos os Escoteiros da Itália, de todas as categorias, classes e graus, como também às vossas famílias, às pessoas e às coisas que vos são caras, com paternal afeto concedemos a Nossa Bênção Apostólica.

Original em italiano. — L'Esploratore, 1946, Setembro, p. 43.

DISCURSO DO PAPA AOS ESCOTEIROS HOLANDESES VINDOS PARA LHE ENTREGAR UMA MENSAGEM.

31 de Outubro de 1946

Aos nossos caros Escoteiros católicos da Holanda, que, com sentimento de piedade filial, quiseram exprimir e consagrar numa mensagem de fé e de amor a sua devoção à Igreja e ao Vigário de Cristo, com prazer testemunhamos — em presença de Sua Excia. o Representante da sua heróica Pátria junto à Sé Apostólica, e de outros seus ilustres compatriotas — a Nossa viva gratidão e a Nossa paternal afeição. Particularmente consolador foi-nos saber que equipados de intrépidos escoteiros, viajando a pé através da Holanda, da Bélgica, do Luxemburgo, da França, da Suíça e da Itália, sucederam-se na tarefa de trazer ao centro da Cristandade, objeto dos seus mais ca-

ros afetos, a sua jovem e fervorosa mensagem, e depositaram-na com reverência no Altar da Confissão na Basilica do Príncipe dos Apóstolos, aguardando entregá-la em nossas mãos.

Como os piedosos peregrinos dos séculos passados, assim trouxeram eles a Roma, confirmada e enriquecida por uma viagem semeada de fadigas e de dificuldades pouco comuns, a promessa solene da juventude do seu país, de servir com renovado ardor à Igreja e ao Sucessor de Pedro.

Transmitindo-se, em seguida, de fronteira em fronteira, a afetuosa mensagem, deram eles também, na humildade do seu gesto, um exemplo de fidelidade à Igreja de Cristo, que adquire uma beleza particular e uma estima mais alta com a colaboração fraterna entre os jovens dos diversos povos.

Assim, num mundo subvertido por funestas rivalidades, eles mostraram a sua intenção de conduzir as suas ações comuns não como uma fria e matemática soma de forças paralelas, egoisticamente calculadas, mas como o concurso de operações distintas e sucessivas, realizadas na unidade do amor.

Por conseguinte, aos vossos irmãos da Holanda, iniciadores dessa nobilíssima homenagem; aos outros que a passaram entre si de mão em mão, como os antigos corredores gregos passavam a flama ardente destinada a acender o fogo no altar; a vós enfim, Escoteiros romanos, mensageiros da última etapa, de todo coração concedemos a Nossa Bênção Apostólica, ao mesmo tempo que às atividades das vossas Associações, na Itália e alhures, desejamos os mais felizes sucessos, e rogamos ao Senhor tornar-vos sempre mais dignos da Causa santa a que consagrais todas as atividades do vosso espírito e todas as pulsações do vosso coração.

Original em francês. — Estote Parati, 1946, n. 6, p. 29.

CARTA PELO 25º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DOS ESCOTEIROS DA FRANÇA

Secretaria de Estado de Sua Santidade

Do Vaticano, 12 de Agosto de 1947.

Meu Reverendo Padre,

Ainda que as bodas de prata da vossa Associação tenham ocorrido o ano passado, o Santo Padre, mui sensível à vossa filial homenagem, compraz-se em aproveitar o ensejo do próximo Jamboree Internacional, no qual tão importante parte tomareis, para vos renovar, bem como aos vossos caros jovens, a augusta prova da Sua benevolência.

Dignando-se de enviar uma mensagem pessoal ao Sr. Capelão Geral do Jamboree, para todos os Escoteiros católicos reunidos em Moisson, lembra-lhes Sua Santidade o sublime testemunho de amor fraterno e de verdadeira paz, que a Fé lhes faz um dever de prestarem à face do mundo. A este respeito, os Escoteiros da França, pelo seu bom espírito e pela sua generosidade, têm merecido particulares elogios. O Santo Padre compraz-se em reconhecê-lo por ocasião do seu vigésimo quinto aniversário e da grande manifestação de que eles serão os principais animadores. Fazendo votos pelo constante progresso deles, e felicitando a sua falange de capalães pelo desenvolvimento de um tal zelo, Sua Santidade envia-vos a todos, com o coração mais paternal e como penhor dos melhores confortos celestes, a Bênção Apostólica.

Muito honrado de me desempenhar de tão nobre mensagem, rogo-lhe aceitar, meu Revdo. Padre, com os meus cumprimentos e votos pessoais, a expressão do meu religioso devotamento.

a) Mons. MONTINI.
Substituto.

Ao Rev. P. Forestier O.P.,
Capelão Geral dos Escoteiros da França.

Original em francês. — Arquivo da Secretaria de Estado.

CARTA AUTÓGRAFA AO CÔNEGO RUPP, CAPELÃO DO JAMBOREE DE MOISSON.

Ao Cônego Rupp,
Assistente Geral do Jamboree

De Castelgandolfo,
14 de Agosto de 1947.

Na véspera do Jamboree Internacional que será levado a efeito na floresta de Moisson, de bom grado correspondemos ao filial desejo dos nossos caros Escoteiros Católicos, para lhes assegurar a Nossa paternal benevolência a respeito dos seus projetos e empreendimentos.

Acorridos, aos milhares, de todos os países, para junto dos seus irmãos da França, quererão eles dar um exemplo de compreensão, de ardor e de dedicação, no qual o mundo, ainda tão gravemente ferido pela guerra, só vantajosamente poderá inspirar-se. Nas pegadas dos primeiros cristãos, dos quais os seus contemporâneos diziam: "Vede como se amam!", eles farão compreender, a todos os que lhes não comparilham a fé, qual é a fonte de tanta caridade verdadeira. Serviçais e bons para com todos, com coração virilmente puro e generoso eles atrairão sobre uns e outros, pela sua oração e pela dignidade da sua vida, grande abundância de graças, em penhor das quais vos concedemos, bem como aos Capelães e a todos os nossos caros filhos, a Bênção Apostólica.

PIUS P. P. XII

Original em francês. — Arquivo da Secretaria de Estado.

CARTA A S. EXCIA. MONS. MARTINEZ, ARCEBISPO DO MÉXICO, POR OCASIAO DA II CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE ESCOTISMO.

Secretaria de Estado de Sua Santidade

Do Vaticano, 9 de Maio de 1948.

Com satisfação, soube o Augusto Pontífice de que no próximo mês de Maio terá lugar nesta capital a II Conferência Interamericana de Escotismo.

Não ignora V. Excia. Revma. como, em várias ocasiões memoráveis, Sua Santidade manifestou a Sua particular simpatia e benevolência para com o Movimento Escoteiro, original sistema pedagógico que, enxertando-se sólidamente no Evangelho, desenvolve com felicidade a personalidade do jovem e lhe valoriza as mais nobres inclinações.

Por isto, bem de coração o Santo Padre faz votos por que os resultados da importante Assembléia igualem o zelo dos beneméritos dirigentes que a promoveram. Almeja sobretudo que ela contribua para afirmar sempre mais, em todas as Associações Escoteiras desse Continente, aquilo que é um postulado fundamental do escotismo e um dos seus mais belos característicos: o conhecimento aprofundado e a prática franca e consciente da própria fé.

Mestres nessa educação religiosa do escoteiro, e guias que o guiarão à conquista da sua maturidade cristã, serão os assistentes eclesiásticos, nos quais o prestígio da santidade sacerdotal constituirá sempre e em toda parte a melhor garantia para a sua obra preciosa e indispensável.

Não quer o Sumo Pontífice que falte a Sua cávida palavra de incentivo para que sejam sempre mais densas, mesmo nos Países da América, as falanges dos jovens que, seguindo as cavalleirescas insígnias do Movimento, se empenhem em observar lealmente a lei, adestrando-se assim para servir sempre melhor a Deus, à Pátria e a seus irmãos. Esta augusta exor-

tação é endereçada em primeiro lugar aos dirigentes e aos chefes, a fim de que, com verdadeiro espírito de apostolado, mesmo em meio aos não leves sacrifícios que a eles impõe a responsabilidade da sua missão, curem da formação dos Escoteiros, segundo os luminosos ideais inspirados pelo Escotismo.

Queira V. Excia. fazer-se intérprete, junto aos membros da Conferência, destes paternais sentimentos do Vigário de Cristo, que sobre eles e sobre os seus trabalhos invoca as bênçãos do Céu.

a) G. B. MONTINI,
Substituto.

Original em espanhol. — L'Osservatore Romano, 9 de Maio de 1948.

MENSAGEM AOS "ROVERS" * POR OCASIÃO DA PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ASSIS-ROMA.

14 de Setembro de 1948

Caríssimos filhos, desde que ouvistes "o chamado da estrada", reconheceste nele a voz d'Aquele que a si mesmo se chamou "o caminho, a verdade, a vida", e compreendeste o seu apelo: "Se alguém quiser vir após mim, tome sobre si a Cruz, carregue-a dia por dia e siga-me"! Foi neste espírito que quisestes rematar a vossa presente peregrinação pela "Via Sacra", que do Coliseu vos conduziu até Nós. Mas também compreendestes que o caminho conduz ao termo, e que Cristo, que se fez vosso guia e vosso companheiro ao longo de todo o caminho, também é a meta deste, visto que outra meta não poderíeis ter senão a verdade e a vida. Segui-o, e pelo "caminho da Cruz" Ele vos introduzirá no reino de seu Pai, "que é justiça e paz e alegria no Espírito Santo". Fortes desta luz, desta alegria, desta vida, marchai com passo firme e alerta! E Nós, suplicando a

*) Título original (inglês) dado aos Escoteiros maiores de 16 anos, denominação essa pela qual são geralmente conhecidos.

Deus não deixar nenhum de vós esmorecer na sua corrida ou desviar-se do caminho único, damo-vos de todo coração a Nossa Bênção Apostólica.

Original em francês. — Strade al Sole, Revista dos "rovers" católicos italianos, 1948, n. 6, p. 16.

CARTA PELO 25º ANIVERSARIO DA MORTE DO CONDE MARIO DE CARPEGNA, FUNDADOR E CHEFE-ESCOTEIRO DA ASSOCIAÇÃO ESCOTEIRA CATÓLICA ITALIANA

3 de Novembro de 1949

Secretaria de Estado de Sua Santidade

Do Vaticano, 3 de Novembro de 1949.

Revmo. Monsenhor:

Enquanto a Associação Escoteira Católica Italiana, no primeiro lustro da sua restauração, se recolhe em prece para sufragar a alma do seu fundador, Conde di Carpegna, no vigésimo quinto aniversário da sua morte, torna-se particularmente grata ao Santo Padre a homenagem que ela quer prestar-lhe em atestado de fidelidade, de dedicação, de devoção absoluta. De feito, notória é a V. S. Revma. a especial simpatia de Sua Santidade por um Movimento como o dos Escoteiros Católicos, destinado a educar na juventude os homens e os cristãos integrais de que a Igreja necessita.

Tal obra, importante entre todas, é tanto mais necessária nos nossos dias quanto as artes mais insidiosas são hoje em dia postas por obra para diminuir, antes para, se possível, destruir na alma das crianças e dos jovens a fé em Deus e nos valores da Graça, diminuindo-lhes ou destruindo-lhes ao mesmo tempo nos corações a candura e a simplicidade dos costumes.

A experiência dá bom testemunho do valor formativo do escotismo; e os valores que ele inculca — a

honra, a lealdade, o espírito cavalheiresco e generoso de serviço do próximo, — ao mesmo tempo que bem se adaptam à índole ardente do rapaz, formam um seguro fundamento natural sobre o qual facilmente se enxerta e se desenvolve a vida da Graça.

Justamente por este harmonioso encontro de elementos, o natural e o sobrenatural, tem sucedido não poucas vocações sacerdotais e religiosas acharem na formação escoteira o clima mais favorável ao seu desenvolvimento.

Portanto, Sua Santidade tem bons motivos para confiar em que a A.E.C.I., fiel à sua tradição de método educativo, quererá prosseguir com vontade resoluta numa atividade que se há revelado tão fecunda de bem e um instrumento tão eficaz de verdadeiro e adequado apostolado.

Assim, dirigentes e sócios quererão sobretudo esforçar-se por conquistar para a bondade e para a verdade rapazes que dificilmente entrariam em Associações católicas de outro gênero. Nobilíssimo ofício esse em que o zelo deles será notavelmente ajudado pelas qualidades características da sua formação, isto é, pela feliz combinação de adesão à realidade e de culto à fantasia, de espírito de iniciativa pessoal e de vivo senso de solidariedade, de humilde e positivo espírito prático e de impulso para grandes ideais da vida. Não se abandonem eles a uma excessiva confiança nas prontas adesões de rapazes, só para fazer número; estes são fáceis aos primeiros convites, e, no entanto, são fáceis de desertar. Antes, prosigam com serena constância em depositar a boa semente, certos de que o seu trabalho terá do Senhor o prêmio do fruto e do incremento.

Deverão eles, ainda, guardar-se de encerrar a sua atividade num círculo restrito de uns poucos privilegiados. Vão, antes, com amor e inteligência aos grupos numerosos de rapazes que frequentam a escola e já ganham o seu pão pelo trabalho.

Finalmente, bem sabendo os dirigentes que nada de verdadeiro bem espiritual poderão obter dos seus

esforços se a sua alma não estiver abundantemente nutrida interiormente, a esta vida deverão dar todas as suas solitudes, intensificando a oração e pondo no lugar de honra, na sua jornada, a meditação das eternas verdades do Evangelho. Grande é a sua responsabilidade de exemplo e de direção moral para com os rapazes; mas a ela eles serão necessariamente inferiores onde quer que a sua vida não seja nutrida de profunda virtude cristã, de amor do recolhimento e da oração.

O Santo Padre vê, além disto, com satisfação, que a A.E.C.I. reafirme hoje, depois dos primeiros cinco anos de fervorosa restauração, a sua vontade de fraternal colaboração com as outras Associações juvenis católicas, de perfeita obediência à Igreja, de presteza em servir, em qualquer circunstância, as obras de bem e de caridade.

O próximo Ano Santo, com as suas solenes manifestações de piedade, dará aos Escoteiros Católicos frequente ocasião de praticarem as virtudes do serviço e do exemplo que os tornam simpáticos aos homens e sumamente agradáveis ao Senhor. A esta sua missão quererão eles adequar-se no espírito não menos do que na ação exterior. E quererão nutrir o espírito de piedade, com meios que a sua própria Associação a todos dará largamente.

Para este fim Sua Santidade formula todos os seus votos. E, entrementes, para conforto dos propósitos deles, e como penhor do seu afeto paternal, dá-me Sua Santidade o venerado encargo de transmitir a V. Revma., Monsenhor, ao Presidente, ao Comissariado Central, aos dirigentes e aos sócios todos da A.E.C.I., Sua particular Bênção Apostólica.

de V. S. Revma.
ded.mo no Senhor
a) G. B. MONTINI,
Substituto.

Revmo. Mons. SÉRGIO PIGNEDOLI,
Assistente Central da A.E.C.I.

Original em italiano. — Estote Parati, 1949, n. 4-5-6, p. 5.

DISCURSO POR OCASIAO DA PEREGRINAÇÃO
DAS "GUIDES" * NO ANO SANTO DE 1950.

Diletas Filhas,

A vossa presença aqui, nas primeiras décadas do Ano Santo, como representantes de uma organização juvenil cujas sérias aspirações, nobres propósitos e generosos sentimentos, e cuja ânsia de ação, aspergida de serena alegria, enchem o nosso coração de paternal satisfação e de promissoras esperanças, é a solene afirmação e adesão de uma animosa e pura juventude a esses eternos valores sem os quais todo esforço e heroísmo perde o seu sentido mais profundo e os seus mais altos intuitos.

A grandeza e à sinceridade da vossa dedicação a um intento tão humanamente nobre e cristãmente elevado, corresponde o calor e o afeto do Nosso acolhimento a todas e a cada uma de vós.

Em difíceis tempos atormentados pelas misérias e dores da guerra, a semente do vosso Movimento, — que em outras terras da Cristandade já se desenvolvera com felicidade, — foi lançada aqui no solo de Roma.

Sob os Nossos olhos, por assim dizer, semeastes este germe com coragem. Sob os Nossos olhos, quando na Roma ocupada não eram permitidas cerimônias públicas, pronunciastes a vossa primeira "Promessa" nos sagrados recessos do Cemitério de Priscila. O espírito das Catacumbas e a consciência do presente, do hoje, fundiram-se então, nas vossas jovens almas, em uma indissolúvel e frutuosa união, sob o olhar da Mãe de Deus e proteção de S. Jorge, o Cavaleiro Santo.

O que então semeastes vem hoje, lenta mas seguramente, crescendo em alegres feixes.

Das neves dos Alpes até a Sicília assolada, a vossa Associação tem ganhado continuamente em profundi-

*) Termo original inglês, correspondente a "Guias". No Brasil, as "Bandeirantes".

dade e em extensão. Em 73 Dioceses da Itália floresce e frutifica a semente a que, na festa da Imaculada de 1944, demos a Nossa Bênção.

E eis que hoje, com verdadeiro comprazimento, vos saudamos reunidas diante de Nós: precioso e encantador espetáculo de uma formação juvenil sobre a qual os olhos maternais da Igreja podem repousar com delicado contentamento e com forte esperança.

Infelizmente, a opressiva multiplicidade dos Nossos deveres durante o Ano Santo impõe a este Nosso encontro convosco limites de tempo que resultam, para Nós mesmo, penosos.

Uma paternal exortação e uma fervorosa prece encerrarão, assim, este escasso quarto de hora, em que a saudação de boas-vindas quase se confunde com a de despedida.

Jamais permitais que os outros fins, o propósito quotidiano, a promessa de fidelidade, no serviço de Deus, da Igreja, da Pátria, do Próximo, o decálogo da vossa Associação, que do decálogo de Deus tira o seu íntimo impulso e a sua mais nobre consagração, se tornem para vós meras fórmulas. Fazei que todo dia e a toda hora eles sejam uma verdadeira, viva, pura e purificada realidade.

A juventude de hoje caberá a direção e a responsabilidade do amanhã. Vivei o vosso hoje na contínua, jamais interrompida, presença de Deus. Só assim contribuireis para fazer surgir para a Igreja, para a Pátria, para vossos irmãos e para vossas irmãs, para vós mesmas, um futuro em que o demônio do ódio e da discórdia, da impureza e da mentira, deverá ceder o lugar ao anjo da verdade e da paz.

Por isto, neste momento, diletas filhas, sobe do Nosso coração, por vós e pela vossa Associação, novíssimo rebento de juvenil generosidade em terra italiana, a prece do Salmista: "Deus exercituum... respice de caelo et vide et visita vineam istam. Et protege eam, quam plantavit dextera tua, et surculum quem roborasti tibi" (S 79, 15).

Com este voto e nesta consoladora expectativa, a vós aqui presentes, a todas as vossas dirigentes, a todas as vossas sócias nos seus diversos graus, não menos que às vossas famílias e a todas as pessoas que vos são caras, com efusão de coração concedemos a Nossa paternal Bênção Apostólica.

Original em italiano. — L'Osservatore Romano, 5 de Janeiro de 1950.

O livro " Documentos Pontifícios Sobre o Escotismo", foi editado pela Editora Vozes, em 1955.

Possui o formato A5 (14 x 18 cm) como uma revista dobrada unidas por grampos metálicos.

Com capa em cartolina branca e impressa em preto.

Possui 59 páginas em preto e branco.

Imagens cedidas por Maurício Moutinho.

1955

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO